



**FEIRA
DO
LIVRO**

CHAPECÓ

**I CONCURSO
LITERÁRIO**

FEIRA DO LIVRO CHAPECÓ 2022

contos, poesias e redações

COPYRIGHT
Copyright © Feira do Livro Chapecó

Organizadores:
Caroline Miotto Pecini
Jonatas de Oliveira
Leandra Regina Otowicz
Odilon Luiz Poli
Suzi Laura da Cunha
Projeto Gráfico: Nicole Bieger
Ilustrações: Éder Minetto
Diagramação e finalização: Nicole Bieger
Revisão: Laiza Silva

FICHA CATÁLOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P953

I Concurso Literário Feira do Livro Chapecó 2022:
contos, poesias e redações. / Organizadores: Caroline
Miotto Pecini... [et al.]. - Chapecó : Livrologia, 2024.
85 p. ; il.
E-book
ISBN 978-65-80329-68-7

1. Contos brasileiros. 2. Poesias brasileiras. 3. Prosa
escolar. I. Oliveira, Jonatas de. II. Otowicz, Leandra
Regina. III. Poli, Odilon Luiz. IV. Cunha, Suzi Laura da.

CDD B869.3

Catálogo na fonte elaborada por Caroline Miotto Pecini CRB 14/1178

EDITORA LIVROLOGIA
Avenida Assis Brasil, nº 4550, sala 130, torre B
Bairro São Sebastião | Porto Alegre | RS | Brasil
livrologia@livrologia.com.br | Fone: (49) 99928-1722

Apresentação

Este e-book apresenta os trabalhos vencedores de dois concursos: o Concurso de Redação e o Concurso Literário, ambos promovidos pela **Feira do Livro Chapecó**, no ano de 2022.

O **Concurso de Redação Feira do Livro Chapecó 2022** teve como objetivo incentivar a prática da leitura e da escrita, bem como o protagonismo dos estudantes das escolas de educação básica de Chapecó e região. O **Concurso Literário**, por sua vez, teve como objetivo incentivar e valorizar a produção literária dos escritores dessa mesma região.

A **Feira do Livro de Chapecó**, organizada por meio da união de esforços de pessoas e entidades, foi criada para promover o desenvolvimento cultural do Oeste Catarinense, mediante a transformação das condições de acesso ao conhecimento, o desenvolvimento do hábito de leitura entre crianças e jovens e a valorização da produção cultural e artística local.

Para tanto, conta com uma programação diversificada, executada antes, durante e após a realização da Feira. Dentre as iniciativas destacam-se:

- a mobilização e envolvimento de professores das escolas públicas e particulares;
- a formação de mediadores de leitura para, nas escolas, em parceria com os demais professores, promover o envolvimento dos estudantes e cultivar o gosto pela leitura;
- ampliação do acervo literário disponível nas bibliotecas das escolas, principalmente por meio do projeto “Vale Livro”, que envolve a criação de uma moeda social, distribuída às escolas públicas participantes, para a aquisição, durante a Feira do Livro, de obras literárias escolhidas pelos seus próprios estudantes;



FEIRA
DO
LIVRO



CHAPECÓ

- Sensibilização e formação dos responsáveis pelas bibliotecas escolares;
- Disponibilização de uma programação rica e diversificada durante a feira, oportunizando aos visitantes a vivência de experiências culturais gratificantes de modo a estimular a sensibilidade e o gosto pela literatura e pela arte;
- Promoção e apoio a diversos eventos afins como mostras literárias, concursos de outras atividades similares.

Os concursos **Literário** e de **Redação** fazem parte dessas estratégias da **Feira do Livro Chapecó** para promover o desenvolvimento cultural do Oeste Catarinense.

Nas páginas a seguir, você poderá desfrutar de um pouco da sensibilidade artística e cultural de nossa gente, expressa por meio de textos dissertativos, poemas e contos.

A obra está dividida em três partes: na Primeira Parte estão incluídos dez Contos. Na Segunda Parte estão incluídas dez poesias. Por fim, na Terceira Parte estão incluídas doze redações.

Boa leitura!

Chapecó, abril de 2024

Prof. Dr. Odilon Luiz Poli

*Coordenador Geral da
Feira do Livro Chapecó 2024*



**FEIRA
DO
LIVRO**

CHAPECÓ



contos

Com as bênçãos de Olavo e Bonfim

AUTOR: TORRES PEREIRA | 1º LUGAR

O calor era sufocante naquela época do ano.

Pela estrada que leva à cidade de Bagagem, em Minas, seguiam seis caipiras. iam enterrar um camarada.

Curiosa, a criançada que saía da escola parou para assistir à passagem do defunto levado numa rede, como é costume em nossos sertões, suspensa a uma vara comprida e reforçada, cujas extremidades apoiavam nos ombros.

Apesar do sol de rachar, a molecada não arredava o pé. Ali, parados, continuavam seguindo o cortejo fúnebre até perdê-lo de vista.

Instante em que, explodindo numa risada só, correndo uns atrás dos outros, desaparecem na poeira do caminho.

Sobrecarregados com o peso do corpo e do calor que os atormenta, decidem parar debaixo de uma árvore à beira a estrada de terra batida.

Momento em que um deles chama a atenção dos outros.

— Ouviram?

— O quê? — Pergunta um segundo.

— Parece ruído de cachoeira! — Reforça o primeiro.

— Não parece, não.

— É barulho de queda de água, sim! — Confirma um outro.

— Que tal aproveitarmos para nos refrescarmos um pouco? — Incita Jucemir, o único de óculos.

Combinam, então, de descer até lá, três a três. Cumprido o trato logo tratam de prosseguir viagem.

O que se sente é que o bom humor os mantém unidos, a ponto de um deles questionar, sorrindo:

— Será que quando eu morrer, vou dar o mesmo trabalho do sujeito que estamos carregando?

— Olhando para o seu tamanho, acredito que mais um pouco. — Conclui, sarcástico, Jucemir, o único de óculos.

Com isso, sabemos agora que tem um grandão no grupo, o qual momentos antes quase deixara cair o falecido com os costados no chão, em razão da vara ter resvalado do seu ombro.

Mas o que passou, passou, e o importante é que todos tenham se recuperado do susto e seguido em frente. Tirando esse detalhe, o que mais os vem incomodando é a alta temperatura e o suor queimando os olhos e ressecando as suas gargantas.

É aí que, com a estrambólica empreitada de novo em movimento, o agitado Severino, coçando o queixo, não se contendo, solta o verbo:

— Vocês não acham que essa estória de nos pedirem para levar o defunto para outro lugar, está mal contada? Ademais, o meu receio é que, com tanta parada pelo caminho e na velocidade em que seguimos, cheguemos ao nosso destino já com o cadáver em decomposição!

Risos e mais risos, risos difíceis de controlar.

— Feliz a tua observação – Acrescenta o sorridente Ademar. – O estranho mesmo é que não tenha vindo conosco um membro da sua família.

Oliveira, um nome para distingui-lo dos demais, aproveita para opinar também.

— É realmente estranho. No entanto, foi melhor assim. Já pensaram o que seria de nós aguentar um sujeito desses o tempo todo azucrinando a nossa paciência com cara de velório?

A que, sem demora, um outro aproveita para complementar:

— Falando em coisas estranhas e inacreditáveis... ocês repararam que desde que passamos por aquela molecada saindo da escola, não encontramos ninguém pelo caminho?!

E não é que, após dito isso, surgindo do nada, se aproxima um carro de bois que se dirigia à mesma cidade que eles!...

O que os deixa mais tranquilos e animados. E... o melhor de tudo: conheciam o carreiro de longa data!...

Não demora que o recém chegado de chapéu enfiado até às orelhas e fedendo a cigarro de palha, demonstre satisfação em revê-los.

— Pelo que vejo, – Adianta ele – creio que cheguei em boa hora.

— Achamos até que alguém escutou as nossas preces! – Respirou aliviado o grandão.

Nesse interim, vendo que o carro estava vazio conseguiram do amigo que deixasse seguir nele o falecido.

Após breve parada, arrumado o corpo e acomodados os vivos, dão prosseguimento à bizarra aventura.

Lá pelas tantas, depois de terem percorrido mais de uma légua e antecipando-se ao emitente anoitecer, soltam os bois e se preparam para pernoitar ali mesmo.

Nesse espaço de tempo, passa um amigo do Carreiro. Vê o carro, reconhece-o, detém-se e considera que é melhor pernoitar ali e seguirem juntos no outro dia.

Como seu carro está abarrotado de lenha, vai até ao carro do amigo, espia e vê um vulto estendido dentro dele. Supõe que é seu amigo, Carreiro, sobe e deita-se a seu lado, cautelosamente, a fim de não o acordar.

Na manhã seguinte, ao despertar, volta-se para o lado e chama o amigo. Procura despertá-lo, senta-se e, ao sacudi-lo, sente aquele corpo gelado e, por um triz, não desfalece.

Um suor gelado desce de suas axilas e para à altura da cintura, asfixiado pelo cinto que prende suas calças.

Ergue-se horrorizado e, do alto do carro, contemplando os seis caipiras, com a voz estropiada, apontando para o corpo estendido no assoalho, pergunta aterrorizado:

— Quem é ele?

— Um pobre diabo que estamos levando para enterrar em Bagagem.

— Onde está, então, meu amigo, o dono do carro onde passei a noite?

— Estou aqui! – Responde irônico o próprio.

Dito isso, todos veem um homem saltar do carro, onde sabiam que só estava o defunto.

Num segundo, não mais que um segundo, tomam-no pelo morto. Em pânico, silenciam aterrorizados.

E, assim, como quem toma uma decisão repentina, ocorre aquela desembestada debandada, em que os oito homens parecem voar baixo entre as névoas daquela manhã, para eles inesquecível e apavorante.

*Paráfrase da obra pedagógica “Através do Brasil”, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, escrita por ambos, em 1910.

Último dia na Terra

AUTOR: LUCIANO RAFAEL REICHERT | 2º LUGAR

A noite soprava de forma tão violenta que tudo que eu ouvia era um zunido estridente que impedia até o mais recluso de meus pensamentos. Ali, o vento vinha de todas as direções e atingia meu corpo como uma centena de punhais gelados. Às vezes parecia que podiam ser ouvidos sussurros por entre as fortes rajadas, vozes que ecoavam pela madrugada, mas não havia mais ninguém, a mente constantemente pregava peças depois de tanto tempo sozinho. Até os fantasmas tinham a muito tempo partido. A lua brilhava pálida e fantasmagórica no céu, estava agora tão distante quanto qualquer outra alma naquele deserto interminável. Ela era a única companhia que ainda me restava, com frequência me pegava conversando com ela. Nunca havia uma resposta, mas me ajudava a manter a cabeça no lugar. Vagava já pelo quinto dia na imensidão árida que um dia já tinha sido o estado do Mato Grosso. Mas isso já fazia muito tempo, as lembranças dessa época já eram muito fracas agora, pertenciam à outra vida, à outra pessoa.

Havia cinco dias desde que parti de minha cidade natal, Sorriso, em direção a capital, levando três cantis de água e uma mochila de enlatados para sobreviver no que agora era conhecido como “o vazio”. Um interminável oceano de areia que se estendia muito além do que os olhos podiam alcançar. Mesmo vagando pelo deserto já por 5 dias, ainda não tinha visto um mísero sinal de qualquer forma de vida. No final do segundo dia, por sorte, encontrei um pequeno casebre de madeira. Pelo estado do local, ninguém esteve por ali em décadas e os últimos moradores haviam levado todos os mantimentos. Nem mesmo lenha para a

lareira tinha restado. Apesar de não ter conseguido produzir uma chama sequer, a morada ao menos me providenciou abrigo do vento naquela noite. Agradei novamente a lua por aquela benção. Só ela ainda restava para agradecer e para ouvir minhas preces. Deus havia esquecido aquela terra há muito tempo. Parti daquela espelunca no primeiro sinal da aurora e, desde então, não houve outro lugar naquele maldito deserto onde pudesse passar uma noite com um teto sobre a cabeça. Nas próximas noites, tive de dormir enrolado nos trapos que havia conseguido num antigo baú que encontrei no casebre. Nem em seu melhor estado poderiam ter protegido meu corpo do frio, mas eram o suficiente para que eu não morresse durante a noite.

A cada passo que dava, uma pegada se formava, e logo era soprada pelo vento. Aos poucos, o deserto apagava todos os rastros de minha existência. Sabia que, no fim, o vazio acabaria por engolir-me.

— Este é meu último dia na terra – digo a mim mesmo, mas quase não posso ouvir por conta do vento ensurdecedor. – Ou será, se não chegar ao meu destino.

Tateio o lado esquerdo do meu grosso casaco de pele em busca do bolso. Quando encontro a fissura, deslizo os dedos para dentro dela e retiro os dois recortes de jornal que carreguei comigo pelos últimos 31 anos. O primeiro continha a foto de dois homens de terno apertando as mãos calorosamente, logo abaixo, havia uma matéria intitulada “projeto de lei 6.299/2002 é finalmente aprovado, inicia nova era para os defensivos agrícolas”. A matéria datava do ano de 2019. O ano em que passamos a nos alimentar de veneno, a nos banhar em veneno e a respirá-lo também. Primeiro foram as chuvas, gotas ácidas que caíam do céu e destruíram qualquer coisa viva que ousasse pôr os pés para fora de casa. É claro, as plantações não sobreviveram.

Os campos morreram e o grande potencial agrícola do país sucumbiu, levando consigo toda nossa esperança. Em seguida, as fontes de água foram comprometidas. Foi então que as mortes começaram. Não era fácil encontrar um lugar onde ainda se pudesse beber água limpa, e esses lugares eram muito bem guardados. Idosos e crianças foram os primeiros a perecer. A escolha era entre a sede e o risco de beber a água pestilenta. A maioria prefere tirar a própria vida. Depois de boa parte dessa água ter evaporado por conta do calor infernal, o ar também passou a ser perigoso para ser respirado. Não matava por si só, mas podia causar tonturas fortes, alucinações e até enfermidades passageiras. Os sobreviventes, entretanto, habituaram seu organismo ao veneno depois de anos. Ainda havia muitos efeitos visíveis, mas a morte agora não era mais uma preocupação. A toxina era perspicaz. Mesmo não destruindo o corpo, causava sérios danos à sanidade. As lutas entre sobreviventes eram constantes, mesmo dentro dos últimos abrigos. Eu mesmo testemunhei muitas, e participei de algumas, também.

O grande estado do Mato Grosso, referência em desenvolvimento agroindustrial, tornou-se um vazio. Os últimos sobreviventes acabaram por decidir que era melhor tentar a sorte no deserto do que ser massacrado dentro dos abrigos. Com o tempo, todos haviam partido. Eu, entretanto, fiquei. Fiquei, na esperança de que a ajuda chegasse, o governo, talvez, mas perdemos contato com o resto do território logo após o início dos surtos, então imagino que não haja mais nada além do vazio. A última notícia do mundo velho estava contida no outro recorte de jornal que carregava comigo há tanto tempo, este dizia “Centro de refugiados aberto na grande Cuiabá, começa o processo de desintoxicação”. Era para lá que estava indo. Minha última esperança.

Os dias eram insuportavelmente quentes e as noites faziam congelar até a mais profunda fibra de meu corpo. Todas as noites, quando o frio atravessava os grossos casacos de pele, eu cogitava incendiar os recortes para me aquecer, mas sempre descartava a ideia. Mesmo tão antigos, eles eram minha única ligação com o mundo velho, e agora, mais uma vez, me fizeram seguir em frente. Enquanto andava, o pacote que estava no meu bolso direito balançava e fazia barulho. Dentro do invólucro, havia sementes, de todas as cores e tamanhos. Havia recolhido algumas amostras do pomar artificialmente mantido dentro do abrigo. As sementes eram legítimas, do tempo antes do fim de tudo. Esperava que quando encontrasse a última esperança no deserto, pudesse devolver ao vazio a antiga beleza do mundo velho, talvez houvesse alguém lá que soubesse como. As sementes eram a relíquia de um não mais tão jovem colecionador, assim como a arma que eu carregava na cintura. Estava carregada com o que eu chamava de anti-sementes. Quando eu tivesse que plantar uma, morreria. As balas eram para minha defesa, mas não havia mais muito do que se defender no vazio. Nada que uma arma pudesse resolver. Eu guardei aquela munição para mim. Se o vazio acabar por vencer minha fibra, eu alimentarei o solo seco com meu sangue.

No final do quinto dia, me sobrava apenas meio cantil de água e uma pequena quantidade de comida. Eu não fazia ideia de quando encontraria algum recurso novamente. Como em tantas outras ocasiões, a ideia de desistir espreita em meus pensamentos. Cerro os olhos com força e minhas pernas fraquejam. Meus olhos tentam exprimir lágrimas, porém estas não aparecem. Havia pouquíssima água restante em meu corpo.

— Não posso mais seguir em frente – digo com a voz se dissipando entre os sussurros sobrenaturais do

vento – esta viagem não tem sentido. Assinei minha sentença quando resolvi deixar o abrigo.

Mesmo contra a vontade, abro os olhos outra vez e o que vejo me deixa em choque. Havia uma figura encapuzada parada em pé a menos de 20 passos de mim. Uma silhueta esguia, envolta em um manto negro que esvoaçava violentamente com as incessantes rajadas geladas. Fico receoso, as pessoas no vazio não eram mais confiáveis. Nenhuma mente sã vagava pelo deserto, principalmente à noite. A figura então tira o capuz e revela seu rosto, era um senhor. Além das queimaduras do sol, o homem não aparentava nenhuma enfermidade visível, tampouco parecia representar alguma ameaça. Passados alguns segundos de um silêncio mórbido, resolvi aproximar-me com cautela, todo cuidado ainda era pouco. Quando estou a cinco passos do homem, posso ver seu olhar vazio, uma carcaça humana que vagava sem propósito. Não pude deixar de imaginar o quão parecidos deveríamos estar naquele momento, havia muito tempo desde a última vez que tinha visto meu rosto refletido. Devia ser muito diferente agora, nada agradável aos olhos.

— De onde veio, meu senhor? – grito para a figura
– E para onde vai?

O velho fixa seu olhar vazio no meu e a resposta arasta-se para fora de sua boca com dificuldade.

— Eu venho do grande cemitério. – As palavras quase se perdiam nos enigmas da ventania antes de chegar a mim – Parti tem uma noite e busco um lugar onde possa sobreviver. Reparo que o homem parece estar realizando grande esforço para responder ao meu questionamento, penso em oferecer-lhe um pouco de minha água, sua viagem também não era fácil. Mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o velho cai ao chão bem em frente aos meus pés. Nenhum mo-

vimento se sucedeu. Desesperado, viro seu corpo para cima e vejo que o homem não conseguia mais manter os olhos totalmente abertos. Os lábios rachados e a pele extremamente seca deixavam claro o alto preço da desidratação. Era um milagre que tivesse aguentado tanto tempo. Porém, naquele momento, finalmente o vazio o havia alcançado, não lhe restava muito tempo. Eu, contudo, precisava da informação que o senhor tinha.

— O que é o grande cemitério? – pergunto

Aproximo meu rosto ao do velho e ouço seu último sussurro.

A grande capital cinza, agora é só uma enorme lápide no deserto. Nenhuma alma vive. Ao desferir essas palavras, o senhor fecha os olhos pela última vez. O choque daquela informação acertou meu peito em cheio. Levo vários minutos para digerir o que acabara de ouvir.

— Não há nada além da areia e do veneno – digo, fazendo com que as palavras ecoam no vazio. Agora os ventos estavam já mais calmos. – FOI TUDO EM VÃO.

Tiro as sementes do bolso fundo e as deposito na areia ao lado do corpo do velho.

— Meu último dia na terra – digo outra vez, agora sentindo o peso dessas palavras.

Deito ao lado do cadáver e das sementes e sinto a areia fina se moldar ao formato do meu corpo. Minhas costas relaxaram ao toque da superfície macia. Mesmo fraco, o vento ainda cantava suas melodias sinistras. Assemelhava-se quase ao canto de sereias, atraindo homens cegos pela luxúria para seu destino fatal. Não havia luxúria em meus olhos, nem qualquer outro aspecto de humanidade, mas eu atenderia o chamado.

Retiro a arma do coldre em minha cintura e coloco-a em frente aos meus olhos. Era uma bela peça, um presente passado de geração em geração entre os homens de minha família, havia sido dada a mim pelo meu pai antes dele partir. Torci para que ele não estivesse olhando pra mim agora. O fracasso já era difícil o suficiente para ter que imaginar sua decepção. O brilho da lua reflete no cano do revólver e eu entendo a mensagem. Olho para o céu, agora com mais atenção, e percebo que a aurora começa a pintar-se em um tom avermelhado. O nascer de um novo dia coloria-se nas cores que me sepultariam em minha mortalha de areia e trapos.

— Meu último dia na terra.

Engatilho a arma e aponto para meu queixo com a mão direita. Com a mão esquerda, pego um punhado de areia e deixo-a escorrer entre os dedos. A terra estava morta e eu logo iria me juntar a ela. Vislumbro o último sinal das estrelas e penso se existe algo lá em cima observando, esperando algo de mim, assistindo o último ato daquela peça antes de as cortinas caírem para nunca mais se abrir. Cerro os olhos com força e respiro fundo. Sinto minha face umedecer levemente. As lágrimas finalmente vieram, tímidas, mas vieram. Meu corpo entendeu que não havia mais motivo para guardar qualquer filete de água. Era o fim. Em um último ato desesperado, vou de encontro a paz que tanto buscava. O estrondo da arma ecoa pelo deserto e se dissipa no vento, calando os baixos sussurros por vários segundos. Quando o eco do estampido finalmente cessou, minha alma tinha partido junto com ele. Agora era apenas mais uma voz para murmurar lamentos por entre os cortes do vento. Meu sangue regou o solo, morto há tanto tempo. Havia plantado a última semente, e o fruto agora alimentaria a terra para sempre.

O que habita nas sombras

AUTORA: LUDMILA SCHMIDT DA ROSA | 3º LUGAR

"[...] Ela sente o cheiro de quem fica fora de casa sozinho depois da meia-noite, sem ninguém perto... ninguém perto nem do coração. Quando te encontra... ai de você, tenta te levar pras trevas junto dela. A criatura abre a boca tão grande que fica do tamanho da tua cabeça. Você só escuta um ruído rouco saindo de lá, vê tudo escuro e aí, meu filho..."

Um grito alto saiu da garganta da avó que tomava diversão em assustar os netos facilmente impressionáveis, projetava a dentadura solta para fora da boca antes de cair em uma gargalhada gostosa ao ouvir o teatral desespero juvenil ecoando pela casa velha de madeira. Os passos que tocavam o assoalho sempre se aproximavam após os gritos, as mães em revirar de olhos dramáticos de quem cansa de apagar sempre os mesmos incêndios. Reclamam com a mais velha sobre como os filhos não dormiriam depois à noite, ficariam traumatizados, tão traumatizados quanto no fim de semana passado, que a história foi a mesma. O ponto alto dos jantares em família para Ana Elisa eram aqueles, a garotinha, impressionada, seguia os primos para fora, cuidando a escuridão que gostava de pregar peças. Encarava o grande vazio como se algo a encarasse de volta.

Mesmo agora, que não era mais uma criança, buscava abrigar a escuridão no olhar. Transitava as orbes escuras para fora da janela de seu apartamento em uma viagem estática enquanto lembrava das velhas histórias de sua falecida avó. Pensava se haveria a possibilidade de tamanha criatividade ser passada pelos genes, torcia com afinco para que sim. Era, agora, uma escritora de um sucesso só. Havia lançado um livro três anos atrás quando uma amiga desaparecera e foi tachada de aproveitadora. Era inegável a similaridade do real com a dita ficção, a pequena cidade mostrou-se horrorizada, acusando-a de usar algo trágico a seu favor. Alguns acusavam, alguns tomavam carona no sucesso, alguns faziam ambas as coisas. Ana deixava, men-

digava atenção e aprovação. E, assim, fechava-se para o mundo cada vez mais.

O segundo sucesso nunca veio, a cabeça jamais trabalhou em prol de uma nova história, duvidavam tanto de seu talento com as palavras que ela mesma começava a duvidar. Havia sido sorte? Palavra idiota! Nada era sorte. Tampouco queria depender da palavra talento, apetecia a ela que o esforço fosse reconhecido pelo estudo, fugindo da ideia sobrenatural de dom. Estudou muitos anos para depender apenas de uma intervenção divina.

O primeiro livro que escreveu nada mais era do que uma antologia de histórias que a vó contava, usava-as para explicar o desaparecimento de uma jovem habitante de uma cidade pequena. Na época, buscou muito na internet a origem das tais histórias, com medo de um plágio ser detectado, mas nada encontrou. Quando estava na faculdade, revirava a biblioteca sem nunca obter resultado. Publicou-as sob seu nome, então, aliás, Ana Elisa possuía um pseudônimo: Pam S. O nome originário de Pamela Sue Voorhees, a mãe de Jason, antagonista original do filme sexta-feira 13 de 1980, por vezes esquecida, após a figura icônica do filho se tornar a imagem principal da franquia. Ana era esse tipo de feminista que apoiava-se em tweets e cultura pop. Era Pam S. que sentava à frente do notebook tentando criar uma nova história. Com um bufar alto e dramático, Ana pegou seu casaco e resolveu sair de casa. Os fones que colocava no ouvido eram pela necessidade de ignorar o mundo exterior e ficar focada apenas em si. Considerava-se autrocentrada, mas pouco fazia para mudar. Seu universo era ela mesma.

Batia os tênis surrados contra a calçada desviando de um buraco ou outro quando um calafrio percorreu sua espinha, sentiu o sopro gélido do vento contra a nuca exposta, dado o cabelo estar em um coque. Com pressa, parou a música com os dedos já trêmulos, mas não retirou os fones do ouvido, não de imediato, não poderia demonstrar medo. Queria prestar atenção sem dar na cara o que estava fazendo, nada acontecia naquela cidade, mas agora Ana sentia-se observada. Demorou, mas tomou coragem e olhou para trás. Nada viu. Nada além da escuri-

dão infinita, sua velha companhia que a seguia desde a infância. Dona de monstros, dos medos, dos desafios, do desconhecido.

Ana sempre gostou de encarar o vasto negro como um abismo horizontal que gostaria de se atirar e ser abraçada. Mas, naquele momento, não era abraçada, era engolida.

Sorvete de casquinha

AUTORA: ATELLI GULLITI ALESI DA ROCHA

Sempre gostei bastante do meu emprego como cobrador de ônibus. Era gostoso demais passear o dia todo pela cidade de graça e, de quebra, ver a agitação tomando conta do terminal urbano nos horários de pico. Era um corre-corre danado. A maioria dos passageiros era bacana com a gente. Tinha aqueles que te desejavam um “bom dia” logo cedo, outros te deixavam ficar com o troco e, vez ou outra, algum engraçadinho, com segundas intenções, te entregava um agrado. É claro que nem tudo eram flores. Também havia os passageiros mal-encarados, os chatos, os reclamões e os demorados (pra descer e pra subir) que atrasavam, pra caramba, quase todas as viagens. Mas o que me deixava encasquetado mesmo eram aquelas pessoas que, mal a porta do ônibus abria, perguntavam:

- Entra no Vila Páscoa?
- É ao contrário?
- Passa na Aurora?
- Sobe na Uno?

Sempre respondi essas perguntas com educação. Mas confesso que, até hoje, não entendi por que uma pessoa que pega todos os dias o mesmo ônibus, no mesmo horário, com o mesmo motorista e cobrador, precisa repetir essas perguntas inoportunas toda vez que o ônibus abre a porta. Talvez seja apenas uma forma da pessoa interagir com a gente. Uma forma diferente de nos cumprimentar ou de perguntar: “tá tudo bem por aí?” Isso não importa. Essa seria minha última viagem do dia. Um dia que se arrastava por horas num calor escaldante que ficava ainda pior dentro de um ônibus lotado e sem refrigeração.

Assim que o motorista abre a porta, uma mulher toda emperiquitada faz a pergunta:

- Essa lotação entra no Vila Páscoa?

Cansado, e sem muita paciência, o motorista responde:

Não, esse não passa lá. É só Tomazelli. Tá escrito no itinerário. Irritada, a senhora contesta:

— Mas tá escrito lá fora que passa!

O motorista me olha, eu olho pra ele. Então a mulher tinha lido o itinerário! Desço do ônibus para conferir. De fato, estava escrito, do lado de fora, em letras garrafais para quem quisesse ler, que esse ônibus entrava no Vila Páscoa, subia na Uno, passava na Aurora e, na volta, subia na Uno de novo. Mas era apenas um erro. O motorista não estava tirando uma com a cara da mulher quando disse que o ônibus não passava no bairro dela. Aquele modelo de ônibus tinha um problema no trocador de itinerário. Do lado de dentro, para motorista e cobrador, aparecia o itinerário correto. Do lado de fora, para todos os passageiros, o último itinerário realizado. Desliguei e liguei de novo o botão do itinerário. Conferi do lado de fora. Problema resolvido. Pedi desculpas à mulher e joguei a responsabilidade pro ônibus:

— Foi mal aí, senhora. Esses ônibus velhos sempre dão problema. Ainda bem que a senhora leu o itinerário!

A mulher me amaldiçoou, depois amaldiçoou o motorista, murmurou uma série de insultos impublicáveis e, mesmo assim, pagou a passagem em dinheiro, cruzou a catraca e sentou no banco elevado.

Eu não prestei atenção nos xingamentos que ela disse depois, porque algo lá fora tinha me prendido a atenção. Era uma mulher parruda com suas duas sacolas de compras nos braços e um enorme sorvete de casquinha na mão. Confesso que aquele sorvete me deixou com água na boca. Enquanto as pessoas entravam no ônibus, ela parecia procurar algo na sacola, fazendo movimentos quase acrobáticos com o sorvete de um lado para o outro. Dentro do ônibus, a senhora do Vila Páscoa continuava a reclamar do motorista, do cobrador, do ônibus, do dono do ônibus e das pessoas que estavam no ônibus:

— Porque essa é a segunda vez que acontece isso! Não basta essa lotação tá atrasada, ainda fica intuiando gente aqui dentro! Vamos, motorista, já tá na hora!

O motorista ligou o ônibus. Estávamos cinco minutos atrasados. Do lado de fora, aquela senhora das compras parecia ter desistido de revirar a sacola. Decidiu embarcar. Em uma das mãos, um delicioso sorvete de três bolas na diagonal. Na outra, duas sacolas que ela chacoalhava bruscamente de um lado para o outro e quase acerta na cabeça do motorista.

A sinaleira abre. É o momento ideal para o motorista fechar a porta e sair, antes que apareçam mais passageiros. No Tomazelli é assim: brota gente que nem água. Mas o motorista não fecha a porta. Ele parece aguardar o que pra mim é uma tragédia anunciada.

— Quanto que tá a passagem, moço? — ela me olha aguardando uma resposta.

— A senhora não quer sentar no banco da frente e esperar um pouco? — respondo com medo de ela não encontrar o dinheiro a tempo daquele sorvete desabar no chão.

— Não, não, depois é difícil de passar. A lotação fica muito cheia, e eu vou descer daqui a pouco.

“Que mulher teimosa! Tomara que derrube esse sorvete no chão só pra aprender.” Foi isso que eu pensei, mas, no fundo, estava preocupado com ela. Insisti:

— Pode sentar aqui enquanto procura — fiz um gesto apontando o banco da frente.

— Muito obrigada, moço. Mas não gosto de sentar na frente.

Além de teimosa, era enjoada. Que mulher complicada! Nessa altura, os passageiros pareciam ter esquecido que nós estávamos bem atrasados. Todos assistiam curiosos ao desfecho dessa que seria a cena mais inusitada que eu já vi na vida.

— Achei! Tava aqui dentro desse bolsinho! — comemorou sacudindo um pouco mais o sorvete.

Ela tinha finalmente encontrado o cartão. Não precisaria mais procurar as moedas. Que bom! Daria tempo pra ela passar e se acomodar antes que a lotação saísse.

— Quer ajuda com as sacolas? — perguntei tentando ser gentil.

— Não, não, eu passo sozinha. Sou acostumada a carregar essas coisas.

Naquele momento, o que eu mais queria era que aquela mulher atravessasse logo a catraca e sentasse em segurança em algum lugar confortável. Um passageiro próximo pareceu entender a situação. Levantou-se e ofereceu seu lugar perto da catraca.

— Não, não, pode ficar. Eu vou descer logo ali.

No espelho retrovisor do meio, meus olhos preocupados encontram os do motorista. A cena que antes parecia ser engraçada agora nos deixava angustiados. Aquela mulher parecia não entender o que estava acontecendo. Sua mão já estava coberta de chocolate. O sorvete estava mais torto que a torre de Pisa na Itália. E aquelas sacolas enroscando na catraca? Ai, por que que ela não comeu o sorvete do lado de fora do ônibus? Por que que ela tinha que estar com duas sacolas? Por quê?

Bip Bip. Trec.

Ela encostou seu cartão na maquininha, e o dispositivo liberou a passagem. Tudo certo. Só atravessar a roleta e sentar. Mas, ao cruzar a catraca, a surpresa: as três deliciosas bolas de sorvete tinham simplesmente desaparecido. Para onde elas foram? Na mão, envolta em um guardanapo todo lambuzado de sorvete, apenas uma massa fina e seca em forma de cone: a popular casquinha. No retrovisor interno, os olhos do motorista pareciam não acreditar no que viam. Uma criança, que acompanhava a cena do lado de fora do ônibus, levou as duas mãos à boca. Estava horrorizada com a tragédia. Do lado de dentro, ao lado dos pés da mulher, as bolas disformes do que antes era um imponente sorvete de flocos, chocolate e morango escorriam pelo chão inclinado do ônibus e se misturavam com a poeira e um pouco de serragem do dia anterior. Contudo, diferente de nós, ela não pareceu se importar. Me deu um sorriso largo, agradeceu pela ajuda, sentou ao lado da senhora do Vila Páscoa no banco elevado, e comeu, com voracidade, o restante do sorvete de casquinha.

Violência

AUTOR: DIMAS ARI REICHERT

Maria Clara adoeceu tão logo encarcerada. Não muito depois, enterrada como indigente na parte externa do cemitério. Assim rezavam os bons costumes, não lhe prestaram, pois, os serviços que o momento pedia. Salvo os dois coveiros contratados para deitar terra ao corpo, ninguém lhe ficou ao pé da cova. Helena de nada soube, acharam por bem não lhe falar da morte da mãe.

Quando o inspetor chegou à casa, já era final de tarde, os vizinhos apontaram-lhe o quarto. O corpo rijo de cor violácea e seminu estava deitado em uma posição grotesca em uma pasta de sangue coagulado. A parte de trás da cabeça, afundada com o golpe, era de um vermelho arroxeado. Moscas zuniam em torno do cadáver.

— Que loucura! Quem diria que Maria Clara, sempre tão quietinha, fosse capaz de tamanha atrocidade — comentou o auxiliar.

— E a menina? – quis saber o inspetor.

— Foi levada em choque ao Lar da Caridade da cidade – comentou alguém.

Maria Clara foi presa em casa. Não resistiu, muito menos se defendeu, apenas disse:

— Fui eu.

A igreja ficou lotada nas exéquias de Alcemir. Toda a comunidade compareceu.

Prestaram-lhe homenagens, algumas senhoras derramaram lágrimas comovidas.

— Um grande homem, uma grande alma, sempre disposto a ajudar na comunidade. A vida foi-lhe tirada com vileza, mas seus exemplos permanecerão – concluía o padre no sermão.

Ninguém pôde entender o bárbaro crime, nem mesmo a polícia. Todos procuravam uma razão imediata, mas a justificativa estava espalhada no tempo.

— Que ideias são essas de não querer casar?

— É porque que eu não gosto dele, mãe. Por favor, mãe!... – Suplicava Maria Clara.

— Onde já se viu! Você de barriga e não querer casar?! Já pensou no que as pessoas iriam falar? Envergonharias toda a família. Ai que desgosto! Não quero nem imaginar... Hás de casar e pronto!

Tudo acontecera tão rápido. Encantara-se com Alcemir Roseta quando o vira pela primeira vez. Usava barba rala e bigode, queixo ligeiramente proeminente, um olhar firme e insondável. No dia da festa do padroeiro, viera falar com Maria Clara, usou palavras doces, carinhosas. Embora a fala tivesse soado um tanto pretensiosa, ela, tão nova, deixou-se levar. Maria Clara, no entanto, soube resistir, sonhava em se entregar apenas depois de casada. Alcemir tornara-se insistente e possessivo, e na menina a paixão começou a desvanecer. Certo dia discutiram, Maria Clara chorou. Alcemir se desfez em carícias e pedidos de desculpas para em seguida praticamente tomá-la à força. Foi assim que, com apenas dezesseis anos, do desatino da paixão ligeira a se evolar, restou-lhe a gravidez.

Casou-se, pois, Maria Clara numa manhã fria e cinzenta de meados de junho. Embora levasse um sorriso no rosto, por dentro chorava. Disse sim ao compromisso, mas sem convicção, e penitenciou-se por estar pecando contra Deus em momento tão solene.

Os dias que seguiram ao casamento revelaram a ela uma realidade inesperada. No início, eram apenas xingamentos, depois foram se intensificando e tomando novos contornos. Certo dia, Alcemir estava sobremaneira exaltado, Maria Clara tentou contra-arrazoar. Foi então que, mesmo no sétimo mês de gravidez, seu rosto sentiu a pesada e vil mão do que era para ser seu parceiro.

A dor provocada por aquele tapa, não a física, mas a da alma, foi tamanha que naquela noite Maria Clara não dormiu. Os pensamentos se sobrepunham e se atropelavam. Imaginou-se fugindo para um lugar distante; viu seus pais reclamá-la para voltar. Por um relance, viu até Alcemir so-

frendo um acidente fatal, mas, ao final, todas essas imagens fantasiadas acabavam no mesmo círculo vicioso, ali mesmo, no leito escuro e frio em que se encontrava de olhos abertos, ouvindo os roncos do sono pesado de Alcemir.

No tempo marcado, nasceu Helena, miúda e fraquinha. Maria Clara mal teve tempo de viver aqueles dias iniciais da maternidade, dias escassos e de pouco descanso. O trabalho reclamava seus braços. Duas semanas após o parto, já acompanhava seu marido na dura lida diária e os impropérios só fizeram crescer.

— Apura, sonsa, acaso pensas que só eu devo me matar de trabalhar?

Às humilhações e às descomposturas seguiram-se sopapos, murros e surras. Aos domingos, ao atenderem às celebrações religiosas, Alcemir obrigava-a a vestir unicamente roupas longas, evitava-se assim as vistas curiosas sobre os hematomas que Maria Clara levava nas pernas e nos braços.

Dia daqueles chegou recado de que ia mal de saúde o pai de Maria Clara, era bom que se apressasse, o estado era grave, provavelmente não se aguentaria muito mais.

— Deixa de frescuras, tonta! Vais é ficar em casa! Garanto que teu velho anda até bem de saúde, no mínimo tá se fazendo por um resfriado qualquer. Ô gente cheia de manias!

Dois dias depois de ter recebido a notícia, preocupada com a condição de seu pai, Maria Clara reuniu suas forças e coragem, aprontou uma trouxa, vestiu a filha e disse: estou indo ver meu pai. Se não vais, vou só eu e Helena.

Alcemir não foi. Quando Maria Clara chegou, seu pai já havia sido sepultado. No cemitério encontrou apenas uma simples lápide em que se lia “aqui jaz” seguido do nome, data de nascimento e morte, nada mais.

De volta à sua prisão, Maria Clara aventou a ideia com Alcemir de ir morar com sua mãe viúva.

— Ah, agora vens com essa de mulher insatisfeita, é muita pretensão mesmo.

— Queres ir?! Vá, mas te garanto que não mais verás Helena. Ela fica comigo! – arrematou.

Derrotada, Maria Clara se resignava. A outrora jovem cheia de vida já não tinha sonhos, apenas medos. Foi se animalizando e se sujeitando a todos os caprichos de Alcemir. Temia, principalmente, as noites, vivia apavorada, chegava a rezar para que os dias se esticassem, mas todas as preces foram em vão; a noite sempre voltava. Os maus tratos chegavam a tanto que tempo houve em que chegou a urinar sangue por semanas, mas foi impedida de procurar um médico e se tratar.

Certa noite, Alcemir voltou bêbado da vila, e Maria Clara sofreu mais uma de suas tantas surras. Um murro acertou no rosto, sentiu a saliva gosmenta misturada com o sangue que brotava do orifício deixado por um dente arrancado. De repente, ouviu um objeto contundente atingindo uma massa mole e Alcemir tombou, convulsionando. Foi então que Maria Clara viu sua Helena, de apenas doze anos, com olhos vítreos e lacrimejantes, segurando um martelo.

A sentinela

AUTORA: GERLIANI DE OLIVEIRA MENDES

Era uma mulher adulta, nem bonita, nem feia, nem boa, nem má, mas que tinha um poder que, ai, quem nos dera! Ela descobria tudo através do cheiro. Naquela cidade, nenhum forasteiro se assentava se Aziza não o cheirasse e identificasse suas intenções. Havia um categórico ditado local que o povo repetia: tem que saber ser cheirado para ser bem chegado em Ventópolis.

O prefeito mandou fazer uma morada para ela bem na entrada da pequena cidade. Para entrar, tinha que tocar a sineta que ficava pendurada na porteira, no início de um caminho terroso. O caminho levava até uma casinha pintada com cal: ele era de um branco tão forte que intensificava a iluminação provocada pelo sol. Quem atendia a porta era Aziza, e o visitante, depois de ser cheirado, se aprovado, poderia atravessar seu quintal e pegar o caminho até a cidade dos bons ventos.

Por prestar esse importante serviço, o povo lhe dava tudo o que ela precisava: tecidos, comidas, artefatos, lenha, vinho. Nada lhe faltava. Cheirar e selecionar era tudo o que ela precisava fazer para ter uma boa vida.

O grande mistério do seu dom é que ela nunca tinha saído daquela cidadezinha, desde que nasceu nas mãos da mesma parteira que trazia à luz toda a gente. Mesmo assim, o nariz de Aziza tinha tanto conhecimento sobre o mundo. As pessoas diziam que ela manteve nas narinas as memórias de outras vidas. Parecia um nariz atemporal, um grande mistério que fundamentava as crendices de uma cidade tão pequena e aparentemente simples.

Há quem não acredite porque não presenciou, mas o povo todo era testemunha. Uma vez ela adivinhou que Seu Malvino, um homem franzino que tocou sua sineta, era padre e tinha fugido da obrigação do celibato porque queria se casar. Ela pôs no relatório que sentiu o cheiro da batina misturada com culpa e ansiedade. Um cheirinho de hóstia, suave, porque já havia feito uns quatro dias que ele rezou sua última missa. Dali para concluir todo o desen-

rolar do fio da meada de sentimentos do reverendíssimo, Aziza sabia como fazer. Intuição, talvez, mas uma intuição olfativa. Ela transformava suas hipóteses em perguntas e as dirigia ao forasteiro, lançando um olhar sereno, mas firme. Quando negavam, era uma mentira com perna curta. Quem consegue escapar de uma verdade sobre si mesmo, dita por boca tão doce misteriosa? Aziza tinha a destreza das cartomantes. O padre era foragido, porém, era uma boa pessoa. Ele ficou em Ventópolis evangelizando o povo e se casou com uma boa mulher da comunidade. Foi mais uma prova de que Aziza sabia, pelo cheiro.

Teve outra vez que ela adivinhou que o forasteiro vinha de Minas Gerais, pelo cheiro de tutu à mineira e cachaça de alambique que ele tinha comido e bebido faziam dois dias. Foi uma aposta arriscada: o prato podia ser virado de feijão. Se trocassem farinha de mandioca pela de milho, talvez o forasteiro fosse do Paraná, ou, talvez, de Santa Catarina. Mas Aziza não sabia de geografia, ela entendia de culinária porque entendia de cheiros. O mineiro também ficou ali, mas estava só de passagem, e ela achou que estava tudo bem. Boas pessoas vêm e vão todo o tempo. Ela sempre sabia o que devia ser feito e o povo confiava nela. Havia muitas histórias sobre Aziza, certa e detalhista com cada novo visitante.

Um dia, porém, tudo mudou. Chegou uma forasteira e bateu na sua porta. Quando Aziza abriu, viu uma moça um pouco fatigada pelo sol, trazia poeira de longe na beirada das calças e respirava cansada, porém aliviada de ter cumprido uma longa viagem. A forasteira chegou observadora como quem, no deserto, avista um oásis. Era a casa iluminada por cal e sol.

A andarilha tinha também cabelos de fios grossos e volumosos que subiam aos céus em movimento de caracol, uma sobrancelha que se unia no meio da testa e um corpo bem feito. Era simpática, mas tinha um olhar imponente e ritmado, que irritou Aziza. Provocou nela um frio na barriga e dificuldade de pensar. Aziza ganhou tempo oferecendo para a moça água pra beber.

Enquanto a moça sorvia gole por gole, pelo fundo do copo dava para admirar seus dentes brancos, ampliados

pelo vidro, evidenciando que os incisivos eram levemente separados por um espaço que dão charme e personalidade. Aziza tinha lido em algum lugar que os formatos dos incisivos indicam a personalidade da pessoa. Sejam ovais, retangulares, triangulares ou quadrados, mas, infelizmente, não se lembrava o que cada formato significava. O que era evidente é que os dentes brancos, quadrados e separados da forasteira eram bonitos mesmo ampliados pelo vidro do copo d'água – que matava naquele instante duas sedes. Aziza precisava dar uma cafungada no pescoço dessa moça e isso transcendeu o domínio da tarefa cotidiana, virou desejo. A forasteira não se fez de rogada, como se já tivesse acostumada, esticou a gola da camisa de algodão para facilitar a aproximação das narinas de Aziza, permitindo.

Desgraça. Se abateu a desgraça sobre Aziza. Pela primeira vez, ela não soube nada sobre a viajante. Tentou disfarçar o susto e pediu permissão para cheirar do outro lado. Também cheirou atrás, nas orelhas, nos ombros, foi descendo pelo peito e decidiu parar por ali. Deu um último suspiro perto da pele da forasteira, e saiu intrigada e perdida. Ali estava toda sua vida, indo embora numa pele negra, macia e inodora!

Aziza decidiu que, enquanto o problema não se resolvesse, a moça não poderia entrar em Ventópolis. Mas também não podia partir, seria injusto dispensá-la por não poder identificar suas intenções. Concluiu que sua casa não era a cidade dos bons ventos onde a moça ansiava por chegar, mas também não era a estrada de poeira de onde ela tinha vindo. Ela poderia se hospedar naquele dia. Aziza voltaria a cheirá-la no dia seguinte. Talvez fosse um descanso das narinas, o que logo passaria. Convidou-a entrar, sem saber se isso seria um erro.

Naquela noite, lhe ofereceu a toalha mais macia, um colchão de visitas e uma sopa perto do fogão a lenha. A mulher, que se chamava Jucá, parecia bem confortável com o desconforto causado, e mantinha o brilho naquele olhar que vivia protegido debaixo das sobrancelhas que se uniam no meio da testa.

Quando Aziza se deitou para dormir, virou de um lado pro outro, tentando entender aquela situação. Ao invés

de se concentrar na tarefa mais sensata, que era descobrir porque seu nariz falhou, ela se distraiu imaginando de onde aquela moça poderia ter vindo. Calculou distâncias pela gastura de seu sapato, analisou culturas pelo modelo de sua camisa e corte de cabelo, regionalismos pelo seu jeito de falar, descendência pelo tom da sua pele e curvatura da sua bochecha. Aziza tentou identificar as intenções de Jucá a partir dos poucos recursos que tinha. Como isso era impossível, pôs-se a sonhar com as melhores possibilidades. Era possível que a moça conhecesse bons poemas. Era possível que ela fosse bem-educada e fosse adepta de uma religião antiga, que lhe permitia uma cosmovisão sensata da vida e das relações. Era possível que a moça tivesse sonhos inatingíveis e, por isso, estivesse sempre buscando a busca. Era possível que a moça estivesse ali justamente por isso, boas intenções que só cabiam em Ventópolis, cidade tão ensimesmada. Talvez Jucá guardasse tendências passionais dentro de uma personalidade estável. Era possível um encaixe, que ela tivesse coisas que faltava pra Aziza. Aziza sonhou com as melhores possibilidades. Tão boas que amanheceu apaixonada. Por ironia, já que o único que lhe sobrara eram os bons olhos, amanheceu cegamente apaixonada.

Pela manhã, fez o café e, antes que a moça acordasse, preparou a mesa. Sentiu o cheiro das flores do quintal. Antúrio, botão de ouro, violeta, maria-sem-vergonha, cravo de defunto... Aziza se deu conta: "Antúrio nem cheira tanto assim, tem que chegar bem perto. Então meu olfato voltou a funcionar. É isso? Não pode ser". Cheirou o coador de pano, ainda quente e para sua tristeza, sentiu o cheiro inconfundível de café fresco.

Era muito tarde praquilo acontecer, já tinha amanhecido. A madrugada foi longa, com muitas elucubrações. Foi cansativo criar a história perfeita pra Jucá. Foi. Não tinha palavras. Foi. Ficou repetindo a palavra "foi", estranhando o som, a falta de complemento. Tudo que havia para ser descoberto sobre Jucá o foi, sem cheiro, com reticências, um pouco de imaginação, mas não tinha mais volta. Tudo o que Jucá poderia ser já estava bem desenhado na cabeça de Aziza. Ela não estava pronta para outra versão de Jucá. Tinha tudo bem ordenado, definitivo, biografado.

Ficou sentada na cadeira vermelha olhando para a porta do quartinho da hóspede, pensando em como fugir da verdade que as narinas poderiam trazer. Sem Aziza se dar conta, o cheiro do seu café acordou Jucá.

A moça apareceu sorrindo, e de tão dormida, até as sobrancelhas ficaram bagunçadas. Os cabelos encrespados formavam uma nuvem castanha ao redor da cabeça. Estava tão bonita quanto a história que Aziza criou para ela.

Jucá se serviu do café e foi se aproximando da porta que dava pro quintal. O sol tava entrando e alcançava até a cintura dela, que tinha as pernas de fora, embelezando uma calcinha branca de algodão. Ela olhou pra Aziza e sorriu um bom dia com aqueles dentes simpáticos:

— Acho que você precisa me cheirar outra vez.

Aziza queria e não queria. Queria pela proximidade do corpo, não queria pelo cheiro.

Elas se olharam com calma. Jucá foi sorrindo com o pescoço até o nariz de Aziza, sentou no colo dela e, inevitavelmente, sua perna aquecida pelo sol aqueceu a coxa de Aziza também, criando uma paleta de duas tonalidades marrons.

Jucá enlaçou os braços no pescoço de Aziza e se entregou. Aziza recebeu sem questionar, mas ainda resistiu à verdade que o cheiro podia revelar. Relutante em cheirar, segurava o ar e a beijava lentamente, prendendo a respiração o quanto podia. Segurou o quanto pode, exalou devagar. Beijava, evitando todo odor do beijo, da saliva, da pele, do hálito. Evitou até quase sufocar. Na sua valentia de moça interiorana, como se fosse pular de um precipício, inspirou.

Aziza não sentiu nenhum cheiro, todo o mistério continuava intacto. Aliviada, puxou ela pro seu quarto. Lá o sol não conseguiu invadir, só algumas frestas da janela de ripa que coincidiram com as frestas dos dentes da forasteira. Esses poucos raios iluminavam só o necessário, mostrando que sem cheiro, sem rastro, sem passado, Jucá era perfeita.

Quando as férias são uma droga

AUTOR: LEONARDO PELLIZARO DOS SANTOS

A garota desligou a TV, estava cansada de tanto assistir. Ela nunca achou que iria cansar de ler e assistir. Mas mesmo assim, as férias não tinham como ser ruins. Trabalhar o verão inteiro era divertido e férias no outono, quando o resto das pessoas estava trabalhando, tinha o seu valor. Já foi taxada de 'estranha', 'anti-social' e coisas do tipo, mas quem falava isso estava trabalhando agora e ela não. Além disso, a diária de uma casa na praia nessa época era muito mais barata. Sem contar o sossego.

Estar sozinha naquele casarão chegava a ser um desperdício, ela usava, no máximo, 3 aposentos, 4, se contar o banheiro. A casa não tinha piscina, mas tinha uma banheira, o que já era uma maravilha.

As outras casas estavam vazias, ela podia ouvir que não havia ninguém em casa, ouvir o silêncio. Às vezes, chegava a ouvir alguém na casa ao lado, talvez alguém que viesse regar as plantas, talvez alimentar um gato.

Nem sabia que dia era, afinal, nas férias não se precisa nem de relógio e nem de calendário. Estava anoitecendo, hora de trancar a casa e largar o Baba no terreno. Um bo-xer que mais se assustava que espantava alguém. O cachorro ia com ela para todo lugar.

Ela foi até a cozinha, esquentou o resto do almoço e comeu em pé na bancada mesmo. Não tinha como se demorar com tão pouca sobra e tanta preguiça.

— Baba, chega! – e o relógio na parede badalou 21h.

Sempre nesse horário o cachorro começava a latir e correr ao redor da casa.

— Deve ser um desses gatos. Amanhã vou ficar esperando eles aparecerem e se não tiver gato nenhum, minha ira cairá sobre o cachorro — riu com a ideia, deixando um pouco de molho escapar e manchar a pantufa.

Terminou a janta e deixou a louça na pia, iria lavar só amanhã. Deitou no sofá para ouvir um pouco de rádio, logo começaria seu programa preferido.

Ela adormeceu no sofá enquanto ouvia suas músicas preferidas, no seu programa preferido, com seu locutor preferido.

A música ficou um pouco estranha, e ela acordou. O rádio estava fora do ar e estava ouvindo apenas chiado. Ela o desligou e pode ouvir um outro barulho, ritmado, vindo de dentro de casa.

— Não. Não é verdade — ficou quieta se concentrando no barulho para ter certeza que era mesmo dentro de casa.

O cachorro não estava latindo, e o barulho também parou e começou a ouvir passos. Ela congelou ouvindo os passos, mas quando percebeu que estavam se dirigindo para a escada, ela correu para a cozinha.

“Por que a cozinha, meu Deus, não tem saída por aqui!” — mas tinha — “Essa maldita porta sempre esteve aqui?”

A garota abriu a porta, que dava para um porão, ela desceu o mais silenciosamente que conseguiu. Achou um canto no escuro e se agachou, prestando atenção para tentar ouvir os passos. Ouvia alguns barulhos, mas nada que pudesse distinguir, nem o infeliz do cachorro podia ser ouvido. *“Será que ele está morto?”*

Resolveu subir os degraus de volta, a cada passo o degrau rangia, abriu a porta para espiar. Não viu e nem ouvi mais nada. Foi até a janela da frente da casa e não viu o cachorro e nem a casinha dele, apenas a camada de folhas secas.

“Será que o barulho era alguém arrastando a casinha do cachorro? Mas eu tinha certeza que o barulho era dentro de casa!” Olhou para o relógio na parede — 21h — *“Genial. Agora o relógio está sem corda”*. Procurou o controle da TV, talvez conseguisse descobrir que horas eram, mas não encontrou, então se deu conta que a TV não era de controle remoto. Tinha quase certeza que era.

Subiu para o segundo andar para pegar seu celular. Percebeu outra ‘novidade’, havia uma porta a mais no corredor, foi até ela para ver o que havia no cômodo. Estava trancada.

Alguém batia palmas na frente da casa, era apenas a vizinha da frente.

— Desculpe incomodar a essa hora, mas acho que o seu cachorro se soltou. Eu deixei ele lá em casa, pode ir buscá-lo quando quiser. Eu não o trouxe porque não tinha uma corrente ou coleira.

— Imagina, tudo bem. Obrigado por vir avisar. Logo passo lá, só vou pegar a coleira dele. Aliás, por favor, que horas são agora?

— Poxa, estou sem relógio, mas deve ser umas 21h.

— Obrigado — se despediram e ela voltou para dentro — *“21h uma ova!”*

Ao fechar a porta, começou a ouvir aquele barulho ritmado novamente. Parecia estar vindo dos fundos da casa. Correu até o lavabo, que tinha janela para o lado da casa de onde vinham os barulhos. Ao entrar no box, não conseguiu abrir a janelinha. Ao desligar o interruptor do lavabo, todas as luzes da casa se acenderam por alguns segundos, ela correu até a sala, desnorteada, e, por um momento, a garota achou o controle da TV e viu as horas, já eram 3:30h e então a casa ficou no escuro.

Subiu, tateando, até seu quarto, mas não encontrou a maçaneta da porta. Resolveu descer e ficar no sofá até a luz voltar, tentou deixar a paranoia de lado, mas só conseguia pensar em correr para a porta da frente a qualquer barulho estranho.

Acordou com o rádio tocando as suas músicas preferidas, no seu programa preferido, com seu locutor preferido — *Agora, 20h horário de Brasília.*

“Devo estar sonhando” — subiu correndo e tentou abrir a porta do ‘novo’ cômodo. Abriu, dessa vez não estava trancada, e ela pode ver que parecia estar sendo usado como depósito. Revirou as caixas, eram todas coisas suas, antigas fotos, objetos pessoais, brinquedos de quando era criança.

— De qual... maníaco, desgraçado... eu aluguei esta casa?! Aliás, como eu cheguei aqui? Quando eu cheguei aqui? Eu não consigo lembrar!

A garota disparou pela porta da frente, decidida a correr até a delegacia. Mas ao sair pela porta, não havia rua. Havia apenas um extenso gramado, até chegar a uma floresta.

E então ela começou a gritar com toda a força que tinha.

— Meu Deus, ela tem fôlego, hein, isso não tem como negar — disse a enfermeira novata.

— Coitadinha. Essa avozinha, sempre no outono, uma vez por semana fica agitada assim e termina gritando. Não sei que gatilho ela tem para essa época do ano, mas é muito forte — respondeu a colega.

— É Alzheimer?

— Acho que sim, ou algo assim.

A fatalidade de Remegildo

AUTORA: MARINÊS PINSSON PANOZZO

Benjamim faz a troca da fiação velha sob o telhado quente de Brasilit a cinco metros de altura. Corpo suspenso sobre um andaime, braços para cima, prende os cabos com precisão. Está exausto, os ponteiros do relógio na parede se movem lentamente. O telefone toca, despertando-o de pensamentos longínquos e trazendo-o a realidade.

– Alô, boa tarde!

– Alô, Benjamim? É o Adalberto! O disjuntor aqui de casa desarmou, estamos às escuras. Poderia verificar? Você sabe, meu trabalho home office está parado. Faltou energia justo no momento em que eu estava prestes a fechar mais um contrato de locação. Além disso, tem o banho das crianças, jantar e tudo mais. Preciso que você venha logo!

– Certo! Antes disso, vá até o disjuntor e acione-o novamente, talvez tenha desarmado com a queda de energia de agora há pouco.

– Hum, estou vendo, mas tem fios soltos aqui, armo o disjuntor assim mesmo?

– Se há fios soltos, não! Aguarde, preciso verificar! Chego aí antes da noite.

As horas correm. Benjamim é esforçado quanto à pontualidade, deseja muito atender o chamado antes que o dia termine e se entregue aos braços da noite. Se sente contrafeito ao recordar que tinha combinado no dia anterior ir ao cinema com a esposa e as crianças depois da escola, anunciando a eles uma noite eletrizante em família.

A casa de Benjamim fica a meio caminho do destino. Adentra pela garagem fria, passos firmes, decididos, retira da caixa de provisão a peça necessária ao conserto elétrico. Embarca no carro, dá a partida, engata a marcha à ré e sai dirigindo com tranquilidade, afinal, o trânsito exige parcimônia.

Os olhos estão atentos, dirige com velocidade baixa, tem um cruzamento logo adiante. Percorridos aproximadamente duzentos metros, bem à sua frente, salta em disparada o gato de estimação da dona Nair. Sem poder frear a tempo, escuta a colisão inevitável do corpo impactando com força contra o para-choque dianteiro do veículo.

Benjamim pisa com força no freio, o carro para de súbito! Ele desce, o andar é bambo, a fisionomia aflita. Hesita um pouco e, em seguida, põe-se a verificar as condições de vida do pobre bicho. Toca-o com delicadeza e cuidado. O pequeno animal está estirado ao chão, não dá mostras ou sinais de vida.

O homem levanta a vista, observa ao redor, está só. Não há ninguém para ajuda-lo naquele momento perturbador. Pensa um pouco mais. Precisa tomar uma atitude, uma decisão. Não lhe ocorre nenhuma ideia sobre o que fazer. Agarra a aba do casquete e o tira num ímpeto de desconsolo coçando a cabeça e aguardando a ação dos pensamentos, talvez encontre uma saída. Olha para o lado indeciso. Uma buzina o desperta à realidade. Busca o celular no bolso e entristece ao perceber que não há para quem ligar.

Sob a cabeça do gato moribundo, um pequeno filete escarlate, ainda quente, escorre acompanhando o declive da rua citadina. Benjamim se agacha, toca o pequeno corpo como a despedir-se dele. Ainda consegue sentir o viço e a quentura da vida se desvanecendo daquele corpo macio e inerte.

Por um instante, o homem assume a postura de senhor da criação, se compadece daquela vida que sucumbe de forma tão abrupta. Entretanto, a razão o recorda de que precisa fazer algo. Com cautela, apanha o cadáver flácido do pequeno animal do meio do asfalto abrasador e o coloca sobre a calçada, em frente ao portão.

Volta ao volante, porém, seus pés parecem estar pregados ao chão. A razão atesta que já não há o que fazer. Suspira profundamente, dá partida no motor e segue destino. Dirige algumas quadras e lembra-se dos filhos. Ao pensar que o gato poderia ser a companhia favorita nas brincadeiras das crianças da dona Nair, o coração salta no peito,

parece querer sair pela boca. Espontaneamente, contorna a quadra e volta ao local do incidente. Estaciona o carro e percebe que o dono da casa está chegando.

– Boa tarde! Este gato é seu? – Questiona Benjamim apontando o braço estendido para o gato sem vida sobre a calçada. Afinal, ele ainda estava lá!

– Que gato? Não vejo nenhum.

Benjamim, então, relata brevemente e com detalhes o passamento.

Dona Nair, sentada no banco ao lado do motorista, ao ouvir a história, abre a porta com brusquidão, salta no meio da rua, dando dois passos em direção ao homem que cometeu o infortúnio e grita:

– O que foi que o senhor disse do gato? – Sua voz é áspera, fita longamente Benjamim e depois o gato, com jeito de quem diz “olha o que você fez”!

– É o nosso “Remegildo”, Antenor! Agacha-se sobre o gato inerte. Suas faces agora rubras pela raiva sentida revelam pesadas lágrimas que abundantes escorrem pelo queixo evidenciando toda a mágoa contida.

Benjamim, calado, observa a cena, impotente. Sabe que nenhuma palavra naquele momento poderá alentar a perda.

Antenor, atrapalhado com o que presencia, se alia à mesma dor de que a esposa padece. Ali, agachados na calçada sobre o bichano, eles o pranteiam.

Entre lágrimas e sorrisos, rememoraram alguns dos tantos momentos vividos com o Remegildo, gato esperto e manhoso. Ambos parecendo ter caído, por alguns minutos, no esquecimento do tempo, balbuciam façanhas de um gato no esplendor da vida.

Num repente, voltam à realidade, se põem em pé, quase que ao mesmo tempo. Dona Nair, mais consolada e vendo que Benjamim os contempla esperando algo, diz de forma apaziguadora:

– Moço, esse gato já aprontou muitas vezes essa façanha, era impulsivo, do nada saltava portão a fora sem cuidado nenhum. O Antenor até já tinha nos prevenido, dias atrás, para manter o portão fechado. Porém, hoje saímos apressados, tivemos tempo só para fechar a casa e nada mais.

– Sim, – reforçou Antenor, – não se preocupe. O gato seguidamente nos aprontava dessas. Embora, nas vezes anteriores, ele nunca sofreu um só arranhão.

Benjamim, embaraçado, se desculpou pelo ocorrido:

– Estava descendo a rua em baixa velocidade, nem vi quando o gato saltou de supetão na frente da caminhonete, levei um susto danado! Não sabia o que fazer e não havia ninguém por perto para ajudar.

– Ah, sim! Eu também estaria em apuros, caso acontecesse comigo. E, felizmente, as crianças hoje não estão em casa! – Disse Antenor deixando transparecer uma pequena hesitação na voz.

– O que dirão a elas? – Emendou Benjamim.

– Ora, vamos encontrar uma maneira de contar, pode ficar tranquilo. Acrescentou Antenor com firmeza.

Enquanto os homens esclareciam os fatos, dona Nair entrou na casa e, sem muita demora, saiu pelos fundos, trazendo uma caixa onde depositaram o pequenino corpo débil com cuidado.

A tarde já havia morrido e a escuridão da noite evidenciava infinitos pontos luminosos no céu. Certos e ajustados os fatos, Benjamim colocou-se, novamente, atrás do volante e antes mesmo que pudesse dar partida no motor, atônitos, os três presenciaram um pequeno Pinscher saltar para fora do portão em disparada. O choque foi certo, direto no para-lama dianteiro!

– E essa agora! – Falou Antenor, envergonhado.

Todos correram para ver o cãozinho tombado, aturrido pela força da pancada, porém respirando com regularidade. A mulher rapidamente o acolheu em seus braços afagando o corpinho trêmulo.

– Você está bem, “Meg”? Que susto. – disse ela, afagando a cabeça do miúdo cãozinho.

Os dois homens se entreolharam, perplexos ainda com os acontecimentos daquele longo dia, e deixando escapar um meio sorriso.

Benjamim, mais atrasado que nunca, justificou a demora e partiu com a certeza de que, em breve, presentearia as crianças da dona Nair.

Os meninos da vó Otália

AUTOR: NERI GONÇALVES DE PAULA

Havia passado muitos anos e parecia que nada de concreto eu tinha feito na vida. Embora se observasse melhor, não podia reclamar de nada. Muita coisa boa havia passado pela janela dos meus olhos. E quantas lembranças boas estavam guardadas no pensamento. Uma delas ainda tem cheiro de terra, gosto de amorinhas silvestres, colhidas nos pés que foram nascendo ao lado da nossa casa. Casa simples, mas cheia de natureza. Não se dava um passo sem encontrar uma flor, frutas ou bichos domésticos.

Lembro da madrasta que ninguém gostava, só eu. Acreditava que ela era minha mãe. Depois vieram as brigas, até surgir a separação, cujo rompimento marcou uma das relações mais tempestuosas em que meu pai se meteu. Ele se separou de minha mãe quando eu tinha oito meses de vida e, logo em seguida, tratou de arrumar outra mãe para mim e minhas irmãs.

Isso tudo, fui entender e descobrir quando comecei a frequentar a Escola Isolada da Vila Aparecida. Mas, eu apenas frequentava, pois não tinha idade para ser matriculado. Ia na escola para não ficar em casa. Quatro anos era pouco para querer entender o abc.

Ir à escola era uma festa sem tamanho! Encher o caderno de riscos com ares de quem sabia tudo, era uma brincadeira que gostava de levar a sério. A professora, Dona Elza, eu via como a fada das historinhas que ela contava.

Houve um dia em que ela chegou na escola com os olhos vermelhos e cheios de lágrimas, causando-me bastante preocupação. Matutei um tempão, fiz o que pude para tentar descobrir mentalmente o porquê do desespero da professora. Ela chorava e passava lição, corria na mesa, apanhava o lenço e voltava para o quadro.

Fiquei indignado. Será que alguém morreu na família? Será que ela está magoada por causa da bagunça e da

conversa dos alunos? Ou, quem sabe, porque faz dias que não lhe trago amorinhas?

No final da aula, não resisti à curiosidade e perguntei. Calmamente, ela explicou-me que estava com aquela choroadeira toda devido a uma forte gripe. Fiquei desconfiado. Imagine! Eu já tinha tido gripe e nunca chorei tanto assim. Aliás, creio que nem chorei. Mesmo assim, voltei para casa encucado.

Sempre que terminava a aula, começava meu maior medo, que era o de passar a pontezinha mal assombrada, situada numa mata fechada no caminho de casa. Antes de chegar na pontezinha, rezava três Anjinhos da Guarda, e só depois vinha força nas pernas para atravessá-la. Esse receio ao desconhecido acompanhou-me uns bons anos.

Meu horário de aula era esquisito: das dez da manhã às duas da tarde. Diziam que assim era, para que todos pudessem estudar, pois na Vila Aparecida só tinha uma professora. Voltava despreocupado com horário, chegava em casa passado das três da tarde. O único trecho em que eu apurava o passo era o da pontezinha mal assombrada.

Fora isso, havia tempo de sobra para brincar de imaginar. Houve dias que até enjoava de tanto imaginar. Fazia de conta que eu tinha um monte de carrinhos com rodinhas, mesmo que ao chegar em casa fosse encontrar somente dois. Os outros tinham caído as rodinhas há tempos.

E depois, quanto mais eu demorava para comer, com mais fome ficava, e mais comida eu comia. Se eu era magro, a culpa não era minha. Engraçado, acho que nunca esqueci comida para comer. Naquela hora, todos estavam na roça, e ninguém ia se importar se eu comesse comida fria. Ninguém ia ficar sabendo, somente eu.

Mas, se minha vó Otália descobrisse, ela não ia gostar. Quem ia contar? Ela estava tão longe... Vó Otália morava em São João. Meu pai ia para lá todos os meses e levava-me consigo. Às vezes, a gente ia de uma hora para outra. Isso acontecia quando minha madrastra e meu pai brigavam.

Ir a São João era uma coisa que eu gostava, pois ficar com minha Vó Otália sempre foi bom demais. Vó Otália ti-

nha uma casa enorme. Havia sótão, plantação de bananas e um riacho bem baixinho onde, pela tardinha, Vó Otália nos dava banho.

Perto das bananeiras, eu e meu primo Chico, que morava no ladinho da casa da vó, brincávamos de carrinho. Ele tinha uma coleção, e todos com rodinhas. Tia Landa, que era madrinha dele e morava na cidade, sempre trazia um novo carrinho para ele. Mas eu nem ligava, porque minha irmã, que também morava na cidade, também presentearia-me com alguns. Ou tia Maria trazia-me uns nas épocas de festas. Só existia uma diferença: os meus logo ficavam sem rodinhas. Vó Otália dizia que eu não sabia cuidar. Vai ver que ela tinha razão.

Vó Otália chamava-me de “Meu Polaquinho” e primo Chico de “Meu Neguinho”. Primo Chico era bem moreno. Quando Vó Otália nos dava banho, ele sempre sofria mais. Comigo, bastava ela dar uma passada de esponja do mato com sabão de soda e uma enxaguada, e eu já estava limpinho. Então, ela me colocava em cima de uma pedra, para o sol me secar. Porém, meu primo Chico sofria. Ela esfregava ele várias e várias vezes, enxaguava, e esfregava de novo... Eu acho que sem querer, Vó Otália queria que o primo Chico ficasse tão branquinho quanto eu. Pobre vovó, inconscientemente, acredito que ela pensava que se o primo Chico ficasse branquinho como o seu “Polaquinho”, ele sofreria menos na vida.

Vó Otália nunca ia trabalhar na roça, ela cuidava da casa e de sua horta. Por mais que Vó Otália pedisse para brincarmos noutro lugar, sempre estávamos na horta para ajudar na plantação. Restava uma enxada para dois trabalhadores “natos”. Vó Otália organizava para que um capinasse um pedaço e depois entregasse a enxadinha para o outro continuar.

Concordância entre eu e primo Chico não existia, e sempre acabávamos em briga. Quem estava sem enxada não deixava o outro sossegado, pois cada qual queria trabalhar mais que o outro na horta de Vó Otália.

Houve uma vez em que a enxada foi disputada no braço. Foi uma das poucas vitórias minhas perante o primo

Chico. Mas, de nada adiantou. Ele ficava saltitando em todos os lugares que eu tentava capinar. Tanto pulou que em dado momento, e com fúria de quem está sendo molestado, bati com o cabo da enxada em sua cabeça. Levantou um caroço enorme e Vó Otália ficou brava com os dois.

Primo Chico ficou mal, teve febre e ficou de cama. Vó Otália preocupou-se, deu-lhe chazinho, pôs folhas grandes em sua cabeça e dedicou-se por inteiro a cuidar dele. Eu fiquei morrendo de ciúmes. Se eu tivesse mais coragem, juro que teria provocado uma batida em minha própria cabeça para causar um “galo” maior que o dele.

Hoje, muitos anos já se passaram pela janela dos meus olhos e Vó Otália continua ao meu lado. Primo Chico mora bem longe daqui e vem de quando nos visitar. Não moramos mais no interior. Há pouco tempo, mudamos para a cidade. Os carrinhos meus e do primo Chico estão guardados em uma caixa sobre o guarda-roupa.

Meu pai, nesse tempo, arrumou outras madrastas, mas eu estou definitivamente com Vó Otália. Ela está bem velhinha, seus cabelos, como sempre, estão arrumados em coque, mas grisalhos. E seus olhos azuis perderam um pouco do brilho. A linha na agulha sempre sou eu que coloco. Se o primo Chico estivesse por aqui, ia ser outra disputa, só que menos violenta.

Kin, o guerreiro divino

AUTOR: PEDRO VINICIUS NASCIMENTO GAMA

No início, não existia nada. E, do nada, surge o primeiro deus, chamado de Magistrado que, cansado de sua solidão, decidiu criar companhias para conviver, assim deu origem aos seus 3 irmãos: Ministro, Mediador e Júri. Esse último tentou conquistar o poder de seu irmão e usurpar o cargo de deus supremo, mas foi derrotado e amaldiçoado a viver no inferno, tornando-se o Réu. Réu, com inveja de seus irmãos, criou o primeiro demônio para atacar o mundo humano que foi feito e protegido por seus iguais. Com a finalidade de proteger esse mundo dos demônios, Magistrado criou os druidas.

Druidas são seres criados a partir de moldes humanos, porém, divinos, com poderes de seu criador, são os responsáveis por proteger os humanos dos demônios. Por não poderem se reproduzir sozinhos, é necessário ter um ato honroso, como matar um demônio, para ser notado pelos deuses e ganhar suas marcas divinas e, assim, tornar-se um druida.

Os druidas não são os únicos protetores do planeta. Nele, existe também as entidades elementais, seres que representam os 10 elementos: um deles é o metal, elemento da resistência e da proteção. Essas entidades, a cada 150 anos, escolhem crianças nas quais veem potencial para serem os representantes de seus elementos no mundo físico. Eles preparam o corpo delas até os seus 14 anos para poderem suportar seus poderes e aventurarem-se no mundo, com a intenção de defender os necessitados. Aqui, o herói é uma dessas crianças, o escolhido pela entidade do metal: Kinzoku.

Kinzoku Senshi, o guerreiro de metal, apelidado de Kin, um humano meio druida, filho de Amanda Grail, herdeira legítima do trono de Vênus, ao qual ela renunciou, e de Yudi Senshi, o maior guerreiro da Vila dos Druidas na neve, um humano designado druida por atos divinos. Ambos lutaram na guerra entre as duas nações, resultando em um intenso conflito entre eles, conflito não finalizado por um

mútuo respeito. Eles tornaram-se amigos pessoais e, com o tempo, desenvolveram um romance, motivo pelo qual a herdeira renunciou ao trono para viver na Vila dos Druidas com seu amado. E, como resultado dessa ligação entre eles, uma nova vida é criada: Kinzoku, o qual herda as técnicas de combate de ambas as partes e, assim, é destinado a ser o combatente perfeito que unificará as duas nações.

O garoto viveu na Vila dos Druidas na neve sua vida toda, sendo treinado por ambos os pais. Acostumou-se a usar todas as armas, porém, criou uma especial afeição pela katana, mesma arma empunhada por seus pais e que é usada até os dias de hoje pelos três membros da família. A katana que ele ganhou no início de seu treino é chamada sensō no ha (traduzido para lâmina da guerra) tornando-se sua fiel aliada, desde os mais simples treinamentos até os mais árduos conflitos. Kin iniciou seu treinamento aos 6 anos de idade. Com 10 anos, seu corpo já estava preparado e os seus poderes começaram a se manifestar sem o seu controle, de forma que todos na vila soubessem que o filho do mestre Senshi era um guerreiro elemental, menos o próprio garoto. Com 12 anos, viu seus pais jubilarem dos campos de batalha, abrindo um dojô, no qual eles treinam qualquer criança que queira aprender a lutar, mas, claro, apenas se tiverem boas intenções. Dessa forma, Kinzoku tornou-se uma espécie de irmão mais velho para todas as crianças que lá viviam. Com 14 anos, alcançou o poder necessário para despertar sua entidade, descobrindo, enfim, ser um elemental e, assim, começou a treinar seus novos poderes.

Kin é um jovem fiel aos deuses, por conta de seu sangue druida, tendo o hábito de orar aos superiores por bençãos, proteção e para manter-se firme em suas lutas do dia a dia, apesar de saber quão perigosas elas eram e viriam a ser. Ao completar 18 anos, o jovem alcançou a maioridade e foi mandado por seu pai para a floresta próxima, a fim de caçar um ser demoníaco que assolava a região e, com isso, receber suas marcas divinas.

Enquanto explorava a floresta, esse herói encontrou o ser que tanto procurou: um expurgado, um ser que abandonou seus traços humanos para se juntar aos demônios,

perdendo sua mente e tornando-se um ser bestial, movido pela pura vontade de matar e de trazer a destruição, Kin atacou a criatura mesmo enojado por ver a criatura se alimentando do humano que caçava. Durante o conflito, o jovem acabou quase morto, mas movido por seu desejo de finalizar a criatura, manteve-se firme no combate e finalizou o demônio que lá residia, ganhando, enfim, suas marcas divinas por cima das cicatrizes que a batalha lhe deixou como prêmio. Após o conflito, o jovem procurou pelo esconderijo da criatura, sem obter resultados, voltou para casa e substituiu os seus pais no dojô. Então, decidiu começar a treinar os seus próprios alunos até conquistar sua casa na vila, ainda próxima à casa de seus pais.

Com 25 anos de idade, o guerreiro e professor precisou procurar um de seus alunos, que foi mandado para a floresta a fim de ganhar suas marcas, pois já havia passado do tempo estimado de seu retorno, encontrando-o em uma caverna repleta de expurgados, sendo devorado, ainda vivo, pelas criaturas. Em puro ódio, atacou as bestas, dizimando-as, porém, vendo que seu aluno não tinha mais salvação, decidiu executá-lo para acabar com a sua dor. Culpado pela morte do garoto, restou apenas sangue, morte, tristeza e ódio eterno pelos demônios.

Após os eventos da caverna, Kin sentiu-se culpado, tanto por mandar o jovem (que talvez não estivesse pronto) quanto por não ter achado a caverna para eliminar as criaturas, o que evitaria mortes. O guerreiro decidiu, então, ficar na vila apenas treinando os jovens no lugar de seus pais, mas abandonou o próprio treinamento com sua katana jubilada. Mesmo caindo em uma grande depressão, manteve sua fé firme, contudo, aos seus 30 anos, o professor foi convocado por um rei de um grande reino para uma missão que julgava suicida: convocado para a grande missão de extirpar os demônios. Movido pelo ódio que nunca esqueceu, pegou de volta sua katana aliada e, novamente, deixou o dojô aos cuidados de seus pais, prometendo desta vez não falhar e, assim, não deixar uma vida inocente se esvair.

O combatente caminhou por longas distâncias, apenas com a companhia da entidade do metal, que ia eluci-

dando questões sobre seus treinos passados e o ajudava a desenferujar. Kin chegou ao castelo do tal rei, onde encontrou os membros dos 5 grandes (um grupo composto pelos governantes dos maiores reinos do continente) e conheceu aqueles quem seriam sua equipe, os demais guerreiros elementais, portadores dos outros 9 elementos: som, energia, fogo, água, terra, ar, luz, escuridão e tempo, com o Kin sendo escolhido líder, por ser o mais velho e experiente combatente do grupo.

Assim, responsável por manter a proteção da sua equipe e por salvar aqueles que necessitavam de ajuda, Kin e os demais elementais peregrinaram de cidade em cidade, com o objetivo claro em mente: exterminar todos os demônios, inclusive, o próprio Réu, criador de toda a maldade que acomete o mundo. Agora, Kin é conhecido por ser um caçador de seres infernais, vindo a ser um inquisidor, um guerreiro dos deuses que vaga pela terra, junto dos seus iguais, a fim de protegê-la dos atos maléficos dos demônios.



poesias

Aqui se faz, aqui se paga!

AUTOR: DIMAS ARI REICHERT | 1º LUGAR

Cevava o ancião seu bom mate,
Ao final da tarde no achego.
Assenta ao lado o neto no pelego,
Pede ao avô que lhe retrate,
De forma simples e sem disparate,
Pois tem ouvido naquela plaga,
Um dito que mui se propaga.
Pergunta o avô qual o anexim.
Responde o neto, que diz assim:
“Aqui se faz, aqui se paga”.

Vou contar-te fato sucedido:
Um estancieiro bruto e cruel,
Que tinha cavalos em tropel,
Viveu cá, em tempo já ido.
Pelos empregados era temido.
Tudo era causa pra castigo.
Havendo animal sem abrigo,
O serviçal ao palanque,
Amarrava todo estanque,
E sofria seu fustigo.

Vivia nessa fazenda um menino,
Não tinha nome, eu creio,
Era o negrinho do pastoreio.
Campeava de modo genuíno,
Seu achego era a mãe do divino.
Cuidava, do patrão, a tropilha,
Que levava pastar pela coxilha.
Numa noite mui fria de maio,
Pelos campos o cavalo baio,
Do zagal negrinho, desvencilha.

Sem o cavalo, triste regressa
E aos pés do patrão se atira,
Mas o patrão, tomado de grande ira,
Ao tronco ata o menino com pressa.

Não há nesse mundo quem o impeça,
De fazer sangrar o negrinho,
Por campear em desalinho.
Chicoteia até que sangue jorre.
Lanhado, o negrinho quase morre,
Manietado ao pelourinho.

O negrinho ao campo foi outra vez,
Obrigado pelo patrão sem piedade,
Tamanha sanha e maldade!
Com toco de vela, caminho fez,
O calor do lume, a cera liquefez.
Os pingos foram caindo ao chão,
Por milagre, cada qual formou clarão.
Lá longe avista o baio na campina.
O negrinho do pastoreio se aproxima
E joga o laço que leva à mão.

Mas por puído, rompe-se o laço,
O animal dispara em galope,
Vai ligeiro, lá longe, pelo tope.
O negrinho fica com o pedaço
Do que sobrou do puído laço.
Foi do patrão pensado intento,
Ao guri dar sogá de mau filamento,
Apenas para servir de motivo,
Para meter-lhe outro corretivo
Ao lombo com ferimento.

Fustigou implacável o relho,
Qual morto o negrinho caiu.
Tanta crueldade jamais se viu!
O corpo, sangrando vermelho,
Não foi bastante para o velho.
Amarrou o negrinho por inteiro
E lançou-o despido em formigueiro.
Noutro dia, foi ver no que ia,
O guri que no formigueiro padecia.
Mas o que vê, assusta o estancieiro.

Está em pé o negrinho do pastoreio.
Sem ferimento sorri com alegria.

Ao seu lado a Virgem Maria,
Beija o menino e vai como veio.
Ao fundo o baio sem arreio.
O negrinho salta-lhe ao costado
E dispara cheio de luz pelo prado.
Segue a galope toda tropilha,
Já vão longe, além de milha.
E fica o patrão a olhar desolado.

O malfeitor? Fato é, morreu pobre!
Pois não havia gado ou cavalo,
Ovelha, galinha ou mesmo galo,
Que ficasse com esse tipo pouco nobre.
Assim tudo gastou, até o último cobre.
Já o negrinho com o baio,
Em noites frias de maio,
Ainda quem o veja, hoje há,
Quando o dia para tal está,
Cruza os pampas como raio.

Todo mal ou todo bem
Sem paga não ficará!
Seja bom e logo saberá
Que a boa sorte sobrevém
Ao que justo se mantém!
Admirado sorri o infante,
Da sabedoria flagrante
Cravada num dito popular.
E em sua alma tentou guardar
A epifania daquele instante.

A vida

AUTOR: JUNIOR JONES SICHELERO | 2º LUGAR

É o toque do vento que a folha balança,
A beleza da Lua vagando no céu;
É o poder ditando as regras da dança,
Num jogo vaidoso, vazio e cruel.

É o ódio que cresce no peito do homem,
Avança e seca a fonte do amor;
É a ganância que a alma de muitos corrompe,
É a miséria de outros expostos à dor.

É um grito que chama, clama e implora,
É uma voz que sussurra, um olhar que desvia;
É um corpo que treme e geme a demora,
De um sorriso abafado pela mão da hierarquia.

É um choro discreto,
A melodia de uma canção;
É a completude do incompleto,
Uma luz que ascende na escuridão.

É o cair da chuva que nos recria,
É a flor um abismo que a beleza suspende;
É o romper da aurora que a rotina anuncia,
No som do automóvel que leva a gente.

É a lenha queimando numa tarde fria,
É chama que arde de modo incessante;
É o brilho inefável do nascer do dia,
Iluminando a clareira do ser poetante.

Índio Condá Herói ou traidor?

AUTOR: NERI GONÇALVES DE PAULA | 3º LUGAR

Noite sem lua, medo na mata, onça matreira; nem pio de coruja, vento não sopra, sapo não chia. Mudo silêncio, nasce um Curumim. Destino, vender valentia! Vitorino Condá assim nominado. “Brioso guerreiro será!”, prevê sua mãe. “Untado de força e coragem!”, anuncia seu pai.

“Mas com a alma escura, nasceu em noite medonha”, prediz a mais velha da tribo. Em noite sem lua não se vê a lonjura dos campos que se estendem além.

Depois das terras de Guarapuava, o jovem Condá vê. “Ele tem olhos de Guará, boca de Puava!”, caçoavam seus parceiros. Desde Curumim, não se dava a mandar. Apon-tava, determinava.

Dizia a si mesmo: “Sou lobo bravo!”. Lobo escuta, executa.

E tal como Guará Puava, aprendeu a caçar, pescar, lutar, liderar a matilha.

Quando a lua nova da vida veio, o jovem Condá par-tiu... Organizou e chefiou um bando. Destino: os Campos de Palmas. Nos Campos do Erê, conheceu Peri.

Nos Campos do Irani, juntou-se a Nicafim. A lua cresce, o Rio Goio-Ên enche. Da margem, Condá vê o Cacique Nonoai. Nunca se falaram, sempre se odiaram... O rio separa o ódio, luta não haverá! Matas, campos, frutas, peixes, caças, mel...

Vasto é o mundo... Muitas tribos e bandos, errantes e fi-xos. Condá, livre e sem medo, galopa! É líder, é forte, furioso! Imperador sem trono, tem por coroa o cocar da bravura!

Seu manto se estende de Guarapuava às margens do Goio-Ên, do Rio Peperi ao Irani. O Brasil, em partes do Sul, era pátria sem dono. Los Hermanos de Misiones, contes-tavam tratados, avançavam limites. Então, o grande im-perador branco decidiu demarcar e defender o território. Uma expedição militar chega a Palmas.

Missão: abrir uma longa estrada, ligar o Paraná com o Rio Grande do Sul.

Há muitos índios bravios bravejando: "A terra é nossa! Branco não entra! A lua é da noite, vela o sono e os sonhos! O sol é Kaingang, Tupi, Guarani! Quem manda na mata é o Leão Baio!

O pinheiro é da Gralha! O rio, do Dourado, da Traíra, do Jundiá, do Lambarí, do Caíco!"

O grande imperador branco precisa defender o Brasil. No entanto, o nativo entende como Pátria: a seiva, o solo, o sangue, o orvalho... E tudo mais que cabe na alma e nos olhos!

O coração índio não tem divisa, nem limites ou tratados. Porém, o Brasil dos brasileiros vai se tornando, em partes, cada vez mais castelhano. A língua-mãe se mesclando à Erva-Mate, ao Pinheiro, ao Cedro, à Imbuia, à Canela... Madeiras de lei indo... indo... indo...

O Exército Imperial de mãos atadas, e a estrada a ser feita, somente traçada.

Surge uma luz na selva escura: chamar Condá, Peri, Nicafim e Nonoai, transformá-los em Soldados Imperiais, dar-lhes soldos, farda e título militar. Assim foi feito e aceito.

Tarefa-mor: enfrentar bandos e tribos revoltos ao projeto do Império Brasileiro. Condição para receber o soldo: cortar e entregar as orelhas dos inimigos da mãe Pátria, a prova cabal de extermínio do perigo. À frente da comitiva, o Capitão Militar Vitorino Condá. O lobo bravo não perdoa. Quem o desafia, encontra a morte na certa!

A obra avançando na mata... O sangue manchando a terra, tingindo a água, escurecendo a vida... Kaingang, Tupi, Guarani, lutando e morrendo numa guerra ingênua...

Não sabiam que morriam para defender o que o inimigo também defendia.

A lua cheia iluminando campos, selvas, montanhas, e a Estrada Imperial concluída.

O Brasil é dos brasileiros! Brancos, índios, caboclos... O Sul também falará a língua-mãe! O tropeiro terá passagem, e levará o charque à corte. A colônia militar um dia se instalará na Campina de Xã-Xã-Erê, e a cobra Cascavel baterá seus guizos acompanhando o rufar dos tambores dos Soldados Imperiais capitaneados por José Bernardino Bormann!

Italianos, alemães, poloneses e outros mais, misturarão seu sangue com caboclos e índios. Kaingang, Tupi, Guaraní, lentamente assimilarão a presença de homens de outras cores... Nossas árvores majestosas descerão, quase todas, o Rio Uruguai, para ornar palácios além-mar.

Os campos serão cobertos de trigo, mas a fome não se saciará. A fauna quase desaparecerá. As águas dos rios perderão a liberdade. E o povo que defendia a terra já defendida, ficará à margem da vida. A lua minguante foi testemunha: de que houve valentia, heroísmo! Vitórias e mortes gloriosamente inglórias! Noite sem lua...

Condá mal sabia, o império já tinha um dono que o tornou herói da Pátria e traidor de seu povo. Todavia, a Pátria também o traiu. Quando terminada a estrada, ficou sem missão e com a farda, errante de campina em campina e com poucos fiéis seguidores.

Seu soldo não mais pago, continuou cobrando: "Só ganha quem trabalha!"

O velho lobo não aceitava. Reclamava, uivava, persistia: "Quero o que é meu de direito!" E venceu pelo cansaço. Ganhou o último soldo e também uma nova farda.

Comprou cachaça, comemorou, "bebemorou"... Foi uma grande conquista!

Afinal, não tinha sina de perdedor. Inverno, chuva, frio. Dos amigos, menos ainda ficaram. De repente, sentiu-se doente: "Doença de homem branco!"

A história disse ser Varíola, peste que exterminava. Em delírio de febre, dançava e cantava: "Sou um lobo bravo, nascido em noite sem lua! Imperador de campinas e matas!"

Guerreiro, cacique, capitão! Defendi meu Brasil amado
das garras do invasor!

Para defender a Pátria, matei até meus irmãos! Quem
me odeia, eu entendo... Quem me traiu, eu compreendo...
Sou Guará e sou Puava! Vim ao mundo no escuro, e parto
na solidão.

Meu nome, Condá, na história poderá nebulosamente
ficar lembrado, com muita contradição. E do meu feito pa-
triótico, poucos saberão. A lua escondida no céu,

sabe que esta nova farda continha peste... Minha des-
graça! Perdi Caxenerê, minha amada... Ganhei o último
soldo, abandonei-me na cachaça..."

Nas noites de lua cheia, ouve-se ainda e sempre o uivar
de um lobo nos picos mais altos das montanhas oestinas...
Lobos, por estas bandas, não há... quem uiva?!

Amor e fúria

AUTOR: CRISTIAN ALBERTO BREUER

Vivemos em pluralidade, divididos em polaridades
firmando a dualidade, guiados na reciprocidade
não é difícil de entender como o mundo funciona
e quem se engana com a realidade
entrega a chave da liberdade
nesse jogo de interesses e egos descontrolados
quem está na corda bamba brincam de tiro ao alvo
nessa dura missão de nos manter equilibrados
criamos a ilusão de escolher sempre um lado
quem sonha com a paz é por que vive em uma guerra não
falo só de bombas e canhões
mas também na alma que cada um carrega
e assim a vida mostra o que você nem quer ver
e faz acreditar no que nem dá para entender
quantos hoje vão matar, quantos hoje vão morrer
enquanto a ganância sacia a sede de poder
guerra civil, guerra militar, guerra santa
onde deus é o dinheiro e o soldado é uma criança
quando falamos em guerra assassinamos a esperança
e quando falamos em paz, nem temos mais lembrança.

O ser humano não se entende e não é falta de diálogo
é falta de amor nos corações congelados
nem todo o fogo do mundo consegue aquecer
aquele que julga e já está condenado
o extremo não existe em um universo infinito
as ideias vão muito além pois nós estamos ainda no início
e nessa história de amor e fúria vamos tentando entender
qual será nosso fim sem saber o princípio
a falta de educação corrompe nossas mentes,
pois moldam a gente para ser um elo das correntes
nesse ciclo vamos encaixando e de repente
quando os elos se fecham as correntes te prendem

e mentem, entre dogmas crenças e hologramas
em palanques púlpitos e programas,
embelezam o absurdo e enfeitam o drama
não entendem que o respeito sempre esteve abaixo de tudo
pois se você acabar com ele todo o resto desmorona
na corrida sem medalha sem chegada que só cresce
buscando satisfação daquilo que nem conhece
não basta enxergar e escutar, então sente na pele
o efeito do defeito que nos separa por espécie
em um sistema que apodrece a sequela aparece
e todo mundo quer chegar lá no topo onde não fede
a esperança vale mais que o sentimento de vingança
mas viver para sobreviver chega uma hora que cansa
quem busca liberdade a mente não tranca
só o amor não se busca pois o amor é como uma planta
está dentro de nós
e quem deixa essa planta morrer
é tragado pela sua sombra.

Nostalgia de Um Fim de Tarde

AUTOR: ELTON FLAVIO OLIVEIRA BARROSO

Sentados eu e minha velha naquele final da tarde,
conversando, na mesa da cozinha, penso:
Ah! Que vida maravilhosa nós tivemos!

Olho para aquelas coisas em cima da mesa e
depois olho para você, minha velha.
Vem à nostalgia!
Começo a comparar o que têm em cima daquela mesa,
com você, e no meu coração vem alegria.

Olho para a caneca em cima da mesa e penso,
que bom que mesmo depois de tantos anos,
meu amor por você não esfriou.
Ainda se mantem tão quente, como este café,
nada mudou.

Eu olho para aquela caixa de bombons
em formato de coração, e
penso, se aquele fosse um coração de verdade,
seria pequeno, para o tamanho do amor
que ainda sinto por você, tão intenso.

Pego um biscoito naquela vasilha e quando mordo,
penso que bom, assim como o biscoito derrete
na minha boca,
eu ainda me derreto todo, por você.

Eu vejo meu par de óculos sobre a mesa e penso,
que bom, mesmo a minha visão tendo
piorado ao longo dos anos,
ainda tenho de ti, aquela imagem maravilhosa
da primeira vez, que lhe vi, e que me fez
apaixonar-me e ainda faz-me amar-te, tanto assim.

Olho para aquela toalha branca, olho a cor
dos seus cabelos e penso,
que eles perderam a cor, assim como um poema

escrito em um diário antigo, que com o passar dos anos,
também perde a cor da tinta das letras no papel,
mas não perde a beleza do significado
das palavras escritas.

E da mesma forma, você não perde sua beleza
como uma vertente infinita.

Pensando um pouco mais, eu vejo nossa vida
como uma viagem.

Eu como o motorista e você a passageira que
está sempre ao meu lado. Por ti tenho tanto amor,
que até parece clichê.

Percebo que nesta viagem, mesmo quando
a própria vida, começava a me frear,
você dizia ao pé do ouvido “acelera que
estou aqui para dividir o peso da carga”.
Minha vida com você nunca foi amarga.

Nesta viagem, mesmo quando eu estava
quebrado, assim como um motor,
você dizia “ eu sou seu mecânico e eu te conserto”,
meu amor por você nunca será incerto.

No meio do caminho apareceram percalços
e as coisas apertaram, eu fiquei preocupado.
E você me dizia “ não se preocupe, estou ao seu lado,
sou seu combustível, que nunca irá acabar”,
pois é amor imenso, que tenho por você
e posso me gabar.

Mesmo quando tinha um buraco gigantesco, a frente,
você dizia “ eu te sirvo de amortecedor,
para por cima dele você poder passar ”,
não há nada melhor do que poder lhe amar.

Eu não sei quanto tempo mais ainda teremos,
nesta viagem maravilhosa,
mas posso dizer sem sombra de dúvida,
que mesmo quando o caminho foi tortuoso,
ter você ao meu lado, transformou tudo em alegria.
O pacote de férias mais caro e luxuoso que existe,

não me daria as alegrias, que a nossa vida juntos,
proporcionou-me;
e nada que passei contigo, decepcionou-me.

Você chama a minha atenção, por eu estar divagando.
Eu olho para a mesa e volto a olhar, para você
e penso... repito...
"Que vida maravilhosa nós tivemos!
Obrigado por estar sempre comigo!"

Papagaio Artista

AUTORA: GLENDA BRUM DE OLIVEIRA

Ele era malabarista.
Um papagaio artista.
Do seu show, ele é protagonista.
Da janela encanta o ciclista,
Que também é velocista.
E por olhar, quase caiu na pista.
O papagaio, além dos malabares é trapezista.
Suas acrobacias, a todos conquista.
Ele é um grande exibicionista.
Sua dona é muito ufanista.
Quer fazê-lo reportagem de revista.
Então convidou um jornalista,
Para fazer uma entrevista.
Mas a esperta ave sertanista,
Virou mesmo, foi história de cordelista.
Ficou melhor do que a história do articulista.
Cantado em versos de modo simplista.
Ficando sua aventura bem realista.
Com uma pitada sensacionalista.
Uma pequena ave, nada minimalista.
Com jeitão de motociclista.
Sua tutora agora sonha, em fazer parte da lista,
Do seleto grupo do Guinness Book e ser recordista.

Ferida fere fundo

AUTORA: IBRIELA BIANCA SEVILLA

no meio do dia fogo na fenda
superfície sensível
toda geografia é capaz
de sentir

é lindo como corre o arrepio
ao puxão da faca
fere a frio
lâmina só
fenda aberta no fato
ferida à noite

um corte agudo cega
abre brecha
na superfície
supérflua casca
sangra escorre o pus
pústula
toda abertura
atormenta

Risco

AUTORA: MARIA CÉLIA FRÖHLICH

Minhas letras têm voz
têm forma
São desenhadas
Escritas nas madrugadas silenciosas
Afoitas
Urgentes

Minhas letras são contornos sonoros
Canções da minha mão
Uníssonas
Autênticas

Minhas letras respiram
Deleitam-se em aromas
Aninham-se em recantos mágicos
Tateiam significados
São intensas
Paradoxais
Fugazes

Minhas letras são fonemas falantes
São reverberações da minha mente
Sinfônicas
Rítmicas

Minhas letras criam matizes
Adereços performáticos
Sussurros delineados
Croquis esboçados com delicadeza.

Minhas letras são contornos da minha alma.

Ave Cancioneira

AUTORA: MARLENE MARIA PETER SUELO

Leva ao mundo a mais doce melodia,
Ladeia entre as margens,
Abandona os dissabores da humanidade,
Prerrogativas e interrogações...
Na amplitude do voo,
Leva a outras paragens,
Sementes da concórdia,
Sem olhar a quem,
A todos que possam perceber,
Cultivar o que tem de melhor!
Leva! Ave Cancioneira,
As belezas que há em ti,
Cores _ encantos _ alegrias...
Que ao perceberes o cantar do rouxinol,
Você pare: escute o que a melodia vai falar.
Não se deixe abalar por estrondos fortes,
De guerras e animais ferozes,
Deixe o ruído das águas,
Os sons dos pequenos seres,
Inócuos apresentarem,
As danças suaves,
Em sons elementares,
Não titubeie nos ares,
Marca! Faz acertos morais,
Você é ganhadora de nobéis,
Fazes pela necessidade,
E pelo amor ao viver,
Percorra: Liberes o que tens de melhor.
A natureza vai apreciar sua melodia,

A dança elegante,
O universo agradecerá,
Que mais um dia,
Mais um ano passou por lá...
Fez rir e chorar,
Na sua cadência sabes dançar,
Evitando grandes discórdias,
Já harmonizou os ares,
Para que todos usufruam e saibam respeitar!
Espaços _ vidas _ amores.
Canta, dança, espanta os males,
Vem desta vida gozar,
Prêmios, troféus,
Simplesmente uma bela amizade para vivenciar.
Vai Ave Cancioneira,
Deixa o vento,
Em suas asas maiores,
Te levar!

redações



Quão poderosa é a leitura?

ARTHEMIS DEUCHER RETTOR RIBEIRO | 5º ANO COLÉGIO LOGOSÓFICO
1º LUGAR CATEGORIA 3º AO 5º ANO

Você sabe o quão poderosa é a leitura e sua influência sobre as vidas das pessoas, da sociedade? E quais são os benefícios de praticar a leitura? Nesse texto, você terá a chance de descobrir tudo isso. Se lê-lo, é claro!

O que é um livro? Para muitos, a resposta seria que livro é um pedaço de papel onde estão escritas coisas ou um simples caderno recheado de palavras... Mas não! Um livro é um universo inteirinho dentro de páginas e páginas de puro e riquíssimo conhecimento, do qual é possível imaginar, descobrir e ter acesso a qualquer forma de conhecimento.

Não é segredo para ninguém que existem muitas pessoas que não tem, por exemplo, oportunidade de viajar, e, através dos livros, podem conhecer cada cantinho do mundo, sem sair do lugar!

E agora, você sabe a quão importante e poderosa é a leitura e sua influência sobre a vida na sociedade? A verdade é que a leitura, mesmo de forma inconsciente, tem grande influência na forma das pessoas pensarem, podendo confirmar informações ou dar argumento para as pessoas, e assim fazer de uma sociedade melhor, transformando completamente vidas. E isso é incrível!

E quais são os benefícios? Entre eles, estímulo da criatividade, raciocínio... Ajuda a criar repertório e argumento, auxilia na escrita, na fala, no desenvolvimento textual, interpretação, ajuda na memória, e muito mais!

E aí? Ainda acha que a leitura não é importante, que não pode transformar as pessoas e a sociedade?

Só depende de nós! E então? Que tal ir ler um livro agora?

Um convite para a transformação

MARIA RITA FERREIRA | 4º ANO E.E.B. DRUZIANA SARTORI
2º LUGAR CATEGORIA 3º AO 5º ANO

Olá, eu sou a educanda do 4º ano e hoje irei falar sobre “um convite que transforma”. Então, vamos lá. As pessoas não estão lendo tanto, pois dizem que o celular ensina tudo, mas, na verdade, não tem o hábito de ler e é bem triste, porque tem variedade de livros, um mais lindo que o outro e assim por diante. Mas você conhece os benefícios da leitura? Não!? Então vou lhe mostrar alguns: a leitura melhora a fluência e a comunicação, aumenta o vocabulário, solta a imaginação, estimula a criatividade, auxilia na escrita e amplia conhecimento.

Ufa! Foi tantos benefícios que até cansei. E então, consegui convencer você? “Não! O celular não é muito prático e eficiente?” Mas o livro é bem mais legal! E sim, é eficiente, só que está na hora de ter conhecimento, não é? E você pode ler coisas que você gosta, como: livros de aventura, jogos, comidas, romance e muito mais! Aliás, ler de vez em quando refresca a mente e é muito bom, pois se você quer ficar mais informado, é só ler mais e mais, e fazer longas viagens no mundo da imaginação.

Bom, calma! Eu ainda não terminei! No mundo da imaginação tem muitas coisas como: viver aventuras, conhecer novas áreas, evoluir a aprendizagem e expor seus sentimentos e emoções com mais facilidade. Ah, e a leitura te leva para um lugar mágico onde você pode ser tudo que quiser! Legal, né? Pois se você quer ver e viver tudo isso, é só lendo que você consegue, “mas eu tenho medo de errar!”, só errando o que se aprende! Vai! Eu acredito! “Tá bom, eu vou tentar” e a leitura se torna uma transformação para a vida toda.

A importância da leitura

KAYLANE FERREIRA LIMA DA COSTA | 4º ANO E.B.M. JARDIM DO LAGO
3º LUGAR CATEGORIA 3º AO 5º ANO

Acreditamos que a leitura transforma as pessoas e a sociedade, pois ela constrói nosso conhecimento. É importante, pois, sem ela, não conseguiríamos ler e escrever, portanto, ela é essencial para nós, além disso, nos traz: sabedoria, inteligência e criatividade.

A leitura é importante para a comunicação, sem ela não conseguiríamos nos expressar. Ela facilita a interação por meio de cartas, bilhetes, mensagens de texto, propagandas, entre outros. Portanto, a sociedade é comunicativa graças à leitura.

As pessoas acabam não lendo como deveriam. Se elas tivessem esse hábito, perceberiam uma mudança no seu desenvolvimento, imaginação, ficariam mais críticas e inteligentes.

Conclui-se que a leitura é muito importante para a sociedade, ela nos ajuda a compreender as emoções e expressá-las, também. Uma proposta de estimular leitura seria termos mais bibliotecas públicas, lugares ao ar livre que possibilitem ler. Também existem pessoas que não tem condição de comprar livros, e a ideia seria fazer doações de livros que já lemos, fazer trocas e disponibilizá-los em locais de fácil acesso.

O hábito de ler

CAMILA EDUARDA PERETTO | 6º ANO E.B. M. DIOGO ALVES DA SILVA
1º LUGAR CATEGORIA 6º E 7º ANO

No conteúdo atual da sociedade brasileira podemos observar que muitas pessoas acreditam que o hábito de ler é uma ferramenta eficaz para adquirir conhecimento, no entanto, esse hábito ainda não é praticado por todos.

Convém ressaltar que a leitura pode auxiliar no desenvolvimento de muitas habilidades, como a imaginação, escrita, mentalização de conteúdos aprendidos e enriquece também o vocabulário. Além disso, o hábito pode funcionar como um exercício que estimula o cérebro, desenvolvendo o senso crítico e reflexivo.

Infelizmente, muitas pessoas não têm o hábito de ler e, em consequência disso, alegam que não tem tempo ou não gostam. Dessa maneira, isso acaba sendo prejudicial a, por exemplo, não conseguirem interpretar um simples texto, tem dificuldade com a leitura e a produção textual.

Entende-se, portanto, que é muito importante desenvolvermos o hábito de leitura desde pequenos. Além disso, reservarmos um momento específico do dia para ler, e, para isso, precisam de incentivo tanto da família, como da escola e da sociedade em geral. O leitor pode ficar muitas horas lendo, pois o tempo passa muito rápido. Ler não é só o que está nas páginas de um livro, é criar novos mundos usando a imaginação.

Literatura na formação da sociedade brasileira

MANUELA BREANCINE | 7º ANO COLÉGIO EXPONENCIAL
2º LUGAR CATEGORIA 6º E 7º

A leitura é um meio de entretenimento, um meio de se informar e um dos caminhos mais fáceis de adquirir conhecimento. De acordo com a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro (IPL), 60% da população considera a leitura um dos melhores caminhos para o desenvolvimento pessoal.

Ler desenvolve a saúde mental, a imaginação, a mentalização, a antecipação e a aprendizagem, além de desenvolver a empatia. Nos dias atuais, a população prioriza a utilização de meios de comunicação mais acessíveis, como a televisão e aparelhos eletrônicos, o que é extremamente prejudicial à saúde neural. Os livros, além de exercerem papéis importantes no nosso desenvolvimento, previnem doenças neurodegenerativas, como o Alzheimer e a demência.

De acordo com uma pesquisa realizado pela universidade Emory, ler funciona como um exercício para o cérebro, pois aumenta as conexões neurais e desenvolve o senso crítico. Pessoas que foram privadas da leitura tem mais dificuldade na resolução de problemas por não apresentaram o senso crítico aguçado. Além disso, quando lemos, nosso cérebro considera como se realmente estivéssemos vivendo os fatos lidos, um dos motivos pelos quais a maioria das pessoas vibram e se emociona junto com os personagens.

Estudos apontam que cerca de 40% das crianças que viam seus pais lendo foram influenciados a entrar no mundo de leitura, o que prova que as crianças seguem e copiam os ensinamentos e ações dos pais. O professor também tem um papel muito importante na formação de cidadãos leitores, mas, infelizmente, cerca de 30% deles não se consideram leitores.

O hábito da leitura precisa ser desenvolvido e praticado por todos, desde crianças à idosos. Além disso, ler precisa ser algo prazeroso, que instiga e reconforta as pessoas. Como dizia Jhon Teffrey: “No céu vivemos uma vida, mas com os livros vivemos mil”

A importância da leitura

LETICIA TAVARES MACHADO | 6º ANO E.B.M DIOGO ALVES DA SILVA
3º LUGAR CATEGORIA 6º A 7º ANO

É notório que o hábito de leitura é uma prática com muitos benefícios para o ser humano. Dessa forma, quando dedicamos um tempo diário para a leitura, estamos ajudando tanto nossa saúde mental como na aquisição de novos conhecimentos. Entretanto, diversas pessoas ainda não têm esse hábito.

É evidente que a prática da leitura é uma grande fonte de conhecimento para vida. Além disso, esse hábito desenvolve e aumenta repertório geral, auxilia para que o indivíduo tenha senso crítico e reflexivo, amplia o vocabulário, melhora a produção escrita, entre outros.

No entanto, é possível observar que muitas pessoas ainda não têm esse hábito, seja por falta de tempo ou por não serem interessadas no assunto. Dessa maneira, as pessoas que não praticam a leitura podem ter, por exemplo, uma interpretação textual prejudicada.

Praticar a leitura desde cedo pode ajudar não só as crianças serem mais criativas e inteligentes, como também a serem adultos com mais conhecimentos e concentração. Dessa forma, a leitura deve ser influenciada tanto na escola quanto em casa, pois tem muitos privilégios e benefícios para sociedade.

Transformando a sociedade

LÍVIA ENZWEILER BIERENDE | 9º ANO COLÉGIO EXPONENCIAL
1º LUGAR CATEGORIA 8º A 9º ANO

Há pessoas que possuem a leitura como um hábito prazeroso, outras acham uma tortura ler livros para a escola ou faculdade. Contudo, mesmo sabendo dessas divergências é comprovado que ler traz inúmeros benefícios para a sociedade, podendo até transformá-la, assim como é relatado no livro “A Menina que Roubava Livros”, onde o personagem Liesel tem sua vida transformada por meio da leitura.

A priori, todos sabem que a leitura traz benefícios para a mente e cérebro. Mas e quanto o resto do corpo? Segundo pesquisas elaboradas pela Universidade Sussex, os participantes envolvidos tiveram, por meio da leitura, o estresse diminuído em 68%, com o relaxamento cardiovascular e melhora na frequência respiratória, constando que, além da mente, o corpo também é beneficiado com esse hábito.

Ademais, pesquisadores do InsCer, Instituto do cérebro, ressaltam que praticar a leitura diariamente melhora a memória, o raciocínio lógico e a imaginação. Como disse Monteiro Lobato,

“Quem mal lê, mal vê, mal ouve, mal fala”

Portanto, infere-se que o Governo Federal, instância próxima do Poder Executivo, deve desenvolver meios para o incentivo da leitura em todas as faixas etárias. Promovendo cartilhas explicativas dos gêneros literários, dos benefícios da leitura e maior espaço para a divulgação desses. Só assim será possível mudar a sociedade e proporcionar uma vida transformada por meio da leitura, como a da personagem do livro citada anteriormente, em “A Menina que Roubava Livros”.

A leitura transforma a realidade

THÁVYNE K. M. FRUTEIRA | 9º ANO E.B.M. OLÍMPIO CORRÊA FIGUEIRÓ
2º LUGAR CATEGORIA 8º E 9º ANO

A leitura é a evolução da comunicação. Os textos, poemas e histórias que lemos são imaginações em palavras, são viagens de saberes a vários outros mundos. A sociedade, hoje em dia, acredita que não há importância em ler, e estão totalmente enganados. A escrita é o “primeiro passo” da leitura, podemos ler por conta da escrita. Um livro empoeirado em algum canto da casa é um portal perdido. Um livro é um caso a ser resolvido e você é o detetive.

A leitura estimula a criatividade das pessoas, é um grande salto de evolução para a sociedade. As pessoas podem imaginar que ler livros é coisa de velho ou gente chata, mas como muitos sábios falam: o primeiro passo sempre parece difícil, mas se acreditar que não é, então não é. Ler também melhora sua maneira de escrever. Quando temos esse hábito, a nossa fala condiz com o que lemos.

A leitura não é apenas palavras, mas sim ver e compreender tudo à nossa volta. Quando se vê um meme sem palavras, por exemplo, você entende. Sinais, textos, músicas, falas, entre outros, são maneiras que usamos a leitura e não damos conta. A leitura é a evolução da comunicação.

Quando desenvolvemos o gosto de ler, percebemos e vivemos algo novo. A importância da leitura é despercebida pelas pessoas por acreditarem ser algo desinteressante. A magia da leitura é percebida quando desenvolvemos o gosto de ler. Esse novo hábito de ler influencia a imaginação e a inteligência, faz as pessoas perceberem algo que nunca iriam descobrir.

Não é algo que usamos apenas na escola para ganhar ponto, a leitura é utilizada em livros, redes sociais, imagens, expressões. Influencia bastante e nem damos conta. Sem a leitura nosso mundo atual não seria o que é. A leitura transforma as pessoas e a sociedade, é o meio de evolução pelo qual o nosso mundo atual existe.

Aprender a ler o mundo

BERNARDO JOSÉ DE M. AZEVEDO | 9º ANO E.E.B. CORONEL LARA RIBAS
3º LUGAR CATEGORIA 8º E 9º ANO

“Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”. Nesta frase, o escritor Monteiro Lobato coloca que pessoas que não exercem o hábito da leitura, possuem uma visão do mundo severamente limitada, algo que, infelizmente, se encontra na realidade de muitos em nosso país. Mas como algo tão importante e fundamental em nossa sociedade teve tal descuido nos dias atuais?

Primeiramente, é importante destacar que o principal benefício da leitura é aprimorar a dimensão cognitiva do ser humano, ou seja, compreender a si mesmo e o mundo e entender o nosso papel nele através de um senso crítico, pois, segundo o educador Paulo Freire, “ler o mundo” é muito mais do que simplesmente existir no mundo, mas conhecê-lo e entendê-lo.

Tendo isso em mente, temos que levar em conta o baixíssimo índice de leitura que vem diminuindo nos últimos anos. Segundo a “Folha de São Paulo”, 44% da população não tem a hábito de ler e 30% nunca se quer comprou um livro. O que mais gera esta situação é a falta de investimento na leitura, seja com a falta de políticas públicas ou com a falta de incentivo dos pais, responsáveis e professores, trocando a leitura pelas tecnologias, ou pior ainda, tornando-a uma forma de “castigo ou punição”, criando uma aversão à leitura.

Dado o que foi apresentado, é inegável que a leitura transforma tanto nossa sociedade quanto nós mesmos, criando um senso de liberdade e justiça em relação ao mundo. Para que possamos criar hábitos de ler em sua plenitude, é necessário desde cedo incentivarmos nossas crianças, criando uma cultura propensa à leitura, esta iniciativa deve vir por parte dos pais e da escola, criando projetos e um ambiente de leitura, fazendo com que isso se torne uma forma de prazer ao indivíduo que a exerce, não por obrigação, já diria Paulo freire: “É preciso que leitura seja um ato de amor”.

Como a leitura molda a sociedade

FLÁVIA HELOÍSA SANTIN DO AMARANTE | 2º ANO COLÉGIO UNOCHAPECÓ
1º LUGAR CATEGORIA ENSINO MÉDIO

Ao decorrer do livro “Boca do Inferno”, de Ana Miranda (1989), a autora remonta o período colonial brasileiro, retratando o estado da Bahia como um local repleto de indivíduos analfabetos, não leitores, que não possuem acesso a informação e se deixam levar pela constante repressão que o governo instituiu. De forma análoga aos acontecimentos do livro, pode-se relacionar que a participação política e social quase inexistente de indivíduos não leitores, assim como a facilidade em manipulá-los, está relacionada à carência de leitura.

Sob essa ótica, desenvolver um hábito de leitura constante demonstra a relevância que o ato de ler e se informar possui ao corroborar para o afloramento do senso crítico, enriquecer o vocabulário e melhorar a comunicação. Além disso, pesquisas do Instituto do Cérebro (Inscer) denotam que, ao ler, o funcionamento cerebral é estimulado e, conseqüentemente, “atrasa” a aparição de doenças neurodegenerativas, tais como Alzheimer e demência.

Apesar de tamanha coletânea de benefícios, a carência do hábito de leitura revela números surpreendentes: de acordo com dados da pesquisa Retratos de leitura no Brasil, “de 2015 para 2019, a porcentagem de leitores caiu de 56% para 52%, representando uma perda de 4,6 milhões de indivíduos”. É válido destacar, porém, que tal carência não se dá unicamente pela falta de interesse da população, ocorre, também, pela falta de incentivo e pela dificuldade de acesso a compra de livros pelas camadas mais baixas da sociedade.

Portanto, consoante aos dados supracitados, cabe ao Ministério da Educação fomentar o interesse da população acerca da leitura por meio de políticas públicas e, além disso, reduzir a taxa que encarece o preço de livros, fator que, por vezes, dificulta o acesso a livros por indivíduos em vulnerabilidade social.

O poder social da leitura, transformações de vida

JHENIFFER BEDIN | 3º ANO E.E.B. TANCREDO NEVES
2º LUGAR CATEGORIA ENSINO MÉDIO

No filme Central de Brasil, é relatado a situação em que uma ex-professora que gostava de ler e escrevia cartas para pessoas analfabetas encontra um menino e se dispõe ajudá-lo a encontrar seu pai. Semelhante, os indivíduos que têm o hábito de leitura melhoram sua criatividade, senso crítico e tornam-se mais ativas em seu meio. Por conseguinte, a leitura é fundamental na transformação de pessoas e de sociedade na busca por seus direitos, a condição que inibe o silenciamento que a injustiça causa.

Nesse cenário, a prática de ler influencia e proporciona horizontes mais vastos e melhores. Desta forma, o sujeito que inclui a leitura no seu cotidiano fará reflexões das circunstâncias que enfrenta e conseguirá modificá-las com maior facilidade, porque possui sua argumentação e senso crítico bem desenvolvido, como também imaginação fértil e ideias organizadas. Com isso, segundo a escritora Rozilda Euzebio Costa, o incentivo à leitura promove o desenvolvimento de novas concepções e é uma importante ação cultural. Desta forma, os leitores alcançam pensamentos inovadores, assim como solucionam problemas de forma revolucionária

Além disso, os seres que não buscam conhecimentos através de livros são privados de melhoras em suas vidas. Nesse contexto, a falta de leitura pode perpetuar as condições de vida de um cidadão que não busca questionamentos pela igualdade social. Nesse sentido, a obra Microfísica do poder, de Michel Foucault, defende que a vítima sendo silenciada favorece a manutenção da estrutura do poder. Diante disso, caso não busquem por informações, senão omitidas da verdade e de seus direitos, o que favorecerá a permanência da estruturação. Consequentemente, a escassez da leitura pode gerar malefícios significativos para o cidadão e, em sequência, a nação.

Logo, cabe ao ministério da Educação, órgão responsável por proporcionar educação ao corpo social, promover projetos e campanhas por meio de mídias sociais, como Instagram e Facebook, que visem incentivar a população a ler, para que mediante da leitura seja possível proporcionar a evolução de pensamentos individuais e em massa. Desse modo, o poder social da leitura proporcione transformações de vida.

O livro é um mestre que fala, mas não responde

LETÍCIA CATARINE COSTA | 3º ANO E.E.B. BOM PASTOR
3º LUGAR CATEGORIA ENSINO MÉDIO

No clássico de fantasia da literatura alemã, “A história sem fim”, de Michael Ende, acompanhamos o amadurecimento do protagonista ao ler o livro de mesmo título, e observamos o quanto positiva a fuga da realidade através do ato da leitura é para o seu bem-estar psicológico e para o exercício da sua criatividade.

De maneira análoga a isso, portanto, os livros possuem extrema importância na sociedade e, principalmente, nos indivíduos que os leem. Segundo Aristóteles, “o ser humano tem, por natureza, o desejo de conhecer”.

Na idade média, os livros eram sinônimo de sabedoria e poder, apenas aqueles que pertenciam às classes mais altas sabiam ler e escrever e tinham acesso a eles. Controlando assim, o resto da população.

Com o Renascimento, as transformações sociais e filosóficas fizeram que grande parte da população deixasse de ser analfabeta. Junto a isso, houve um grande avanço científico que marca a nossa sociedade até os dias de hoje.

De acordo com uma tirinha de Mafalda, “Viver sem ler é perigoso, porque obriga-te a acreditar no que dizem”. Ou seja, a ignorância e a falta de conhecimento nos tornam mais suscetíveis a acreditar em falsas informações.

Sendo assim, cabe ao estado a construção de escolas e bibliotecas que proporcionem a população através da leitura abranger sua visão histórica, cultural, étnica e ética. Sendo capazes, assim, de desenvolver sua própria opinião, podendo, então, termos o potencial de melhorar a sociedade e o mundo.



**FEIRA
DO
LIVRO**

CHAPECÓ